

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



*Coping* Diádico e Satisfação Conjugal:  
Um Estudo em Casais Portugueses

Ana Raquel Alves Pires

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA  
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2011

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



*Coping* Diádico e Satisfação Conjugal:  
Um Estudo em Casais Portugueses

Ana Raquel Alves Pires

Dissertação Orientada pelo Professor Doutor Wolfgang Lind e Co-Orientada pela

Mestre Ana Vedes

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2011

## Resumo

Nesta investigação, de natureza quantitativa, pretende-se estudar: 1) a relação entre a *satisfação conjugal*, o *coping diádico* e seus componentes, globalmente e intra-casal; 2) a existência de diferenças face às variáveis anteriores quando consideramos o *sexo*, a *escolaridade*, o *estatuto ocupacional*, a *zona do país*, a *área de residência* e a *situação relacional*; 3) a convergência *versus* divergência quanto à percepção de *satisfação conjugal*, *coping diádico* e seus componentes, ao nível intra-casal; e 4) quais as variáveis do *coping diádico* que predizem mais a *satisfação conjugal global*, das *esposas e dos maridos*.

Para tal recorreu-se a uma amostra de 72 casais portugueses, heterossexuais, casados ou em união de facto, a quem se aplicou os seguintes instrumentos: um *questionário de dados sociodemográficos*, a *Escala de Avaliação Relacional* (Hendrick, Dricke & Hendrick, 1998) e o *Inventário de Coping Diádico* (Bodenmann, 2007; tradução e adaptação portuguesa por Vedes, Lind & Ferreira, 2011a).

Os resultados obtidos demonstram que 1) o *coping* diádico global está associado a maior satisfação conjugal, sobretudo no casos dos maridos; 2) o *coping* diádico dos maridos é um preditor mais forte da satisfação conjugal do que o das esposas; 3) a comunicação de *stress* pelas esposas não se correlaciona significativamente com a sua satisfação conjugal e prediz uma menor satisfação conjugal dos maridos; 4) esposas e maridos convergem quanto à percepção de comunicação de *stress* e quanto aos comportamentos negativos de apoio, sendo que estes não se associam significativamente com a satisfação conjugal de nenhum dos sexos; 5) a satisfação conjugal é mais elevada em indivíduos que vivem na zona centro do país; 6) ser estudante, ter mestrado/doutoramento ou viver em áreas urbanas parece funcionar como factor protector face ao *stress*; 7) as esposas percebem mais comportamentos de *coping* diádico do que os maridos e 8) para a satisfação conjugal das esposas contribuem variáveis do *coping* diádico de ambos os cônjuges, enquanto, no caso dos maridos, apenas variáveis relativas a si próprio são preditivas.

Palavras-Chave: *Coping Diádico*, *Satisfação Conjugal*, *Stress* e *Casais*

## Abstract

The aim of this quantitative research is to study: 1) the relationship between marital satisfaction, dyadic coping and its components, globally and within couples; 2) the existence of differences regarding the previous variables when considering sex, education level, occupational situation, national residence zone, residential area, and relationship status; 3) the convergence *versus* divergence regarding marital satisfaction, dyad coping and its components, within couples; and 4) the dyad coping variables that predict global marital satisfaction, wives and husbands satisfaction.

In order to achieve these goals the following instruments were applied in a sample of 72 heterosexual couples (married or in civil unions): *a sociodemographic questionnaire*; the *Relationship Assessment Scale* (Hendrick, Dricke & Hendrick, 1998) and the *Dyad Coping Inventory* (Bodenmann, 2007; portuguese translation and adaptation by Vedes, Lind & Ferreira, 2011a).

The results revealed that: 1) global dyad coping is associated to higher marital satisfaction, mainly for the husbands; 2) men's dyad coping is a stronger predictor of marital satisfaction than the women's; 3) wives' stress communication do not significantly correlate with their own satisfaction, and predict husbands lower marital satisfaction; 4) wives and husbands converge on perceptions of stress communication and on negative support behaviors, and these behaviors do not correlate significantly with marital satisfaction for neither sexes; 5) marital satisfaction is higher in individuals who live in Portugal's center districts; 6) to be a student, to have a master/doctorate degree, or to live in urban areas seems to function as a stress protecting factor; 7) wives perceive more dyad coping behaviors than husbands and 8) the wives' marital satisfaction is predicted by dyadic coping variables from both spouses, but in the husbands case only variables regarding themselves are predictive.

Keywords: *Dyadic Coping, Marital Satisfaction, Stress and Couples*

## Agradecimentos

*“Se vi mais longe, foi por estar aos ombros de gigantes.”*

*Isaac Newton*

À Ana Vedes pelos ensinamentos, pelo rigor, pelo apoio e disponibilidade constante e pela motivação quando tudo parecia impossível.

Ao Professor Doutor Wolfgang Lind, pela confiança, pelas palavras aconchegantes, pelos elogios e pelas gargalhadas.

Aos casais, por partilharem comigo uma parte da sua vida e me permitirem abrir um novo caminho.

Ao Luís, por ter aguentado tanta ausência, por me dar colo nos momentos difíceis e por toda a vida que vamos construir.

À minha mãe, pelo amor constante e por ter acreditado sempre que ia conseguir.

Às minhas irmãs, pelos disparates que sempre me fizeram rir e por tornarem a minha vida tão mais rica.

À minha tia Bárbara, pelo orgulho que teve sempre em mim.

À Cecília e ao Rui, ao Daniel e à Nicole, por me darem sempre esperança, ao André e ao Duarte, por me deixarem ser criança e aliviarem o meu cansaço.

A todos os colegas da faculdade, em especial ao meu grupo de supervisão, à Carmo, à Bruna, à Clara, à Teresa, à Rosarinho, à Mafalda, à Susana, à Rita e ao Tiago, por terem caminhado comigo nesta viagem tão longa mas tão cheia de sonhos, alegrias e concretizações.

Por muito que escreva, as palavras nunca conseguirão espelhar o que vos agradeço. Sem vocês nada disto seria possível. Um sincero Obrigada!

## Índice

Introdução .....	1
1. Enquadramento Teórico .....	2
1.1. Importância e Complexidade da Conjugalidade .....	2
1.2. Satisfação Conjugal.....	4
1.3. <i>Coping</i> Diádico .....	6
1.3.1. <i>Stress</i> Individual e Diádico.....	6
1.3.2. <i>Coping</i> Individual e Diádico .....	8
1.3.2.1. Modelo Transaccional-Sistémico de <i>Coping</i> Diádico .....	12
1.4. Satisfação Conjugal e <i>Stress</i> .....	14
1.5. Satisfação Conjugal e <i>Coping</i> Diádico.....	15
Síntese .....	16
2. Método .....	17
2.1. Questão Inicial.....	17
2.2. Mapa Conceptual das Variáveis em Investigação .....	17
2.3. Objectivos Gerais e Específicos .....	18
2.4. Questões de Investigação .....	19
2.5. Estratégia Metodológica.....	19
2.5.1. Selecção e Caracterização da Amostra.....	19
2.5.2. Operacionalização das Variáveis em Estudo.....	20
2.5.3. Instrumentos Utilizados.....	21
2.5.3.1. Questionário Geral sobre Dados Sociodemográficos.....	21
2.5.3.2. Escala de Avaliação Relacional (EAR).....	21
2.5.3.3. Inventário de <i>Coping</i> Diádico (ICD).....	22
2.5.4. Procedimento de Recolha e Tratamento de Dados.....	23
3. Análise de Dados.....	24
4. Apresentação de Resultados.....	25
4.1. Resultados Globais.....	25
4.2. Verificação dos Pressupostos para a Realização de Testes Paramétricos .....	26
4.3. Análise de Correlações.....	27
4.3.1. Análises Globais.....	27
4.3.2. Análises Intra-Casal .....	28
4.4. Análise de Regressões.....	33
4.5. Análise de Diferenças.....	35

5. Discussão.....	37
Conclusão .....	48
Bibliografia .....	51

## Índice de Tabelas

Tabela 1. Médias e Desvios Padrão das Variáveis em Estudo .....	25
Tabela 2. Média e Desvios Padrão das Variáveis em Estudo para Maridos e Esposas..	26
Tabela 3. Correlações entre a <i>Média da Satisfação Conjugal</i> e Subescalas do <i>Coping Diádico</i> .....	27
Tabela 4. Correlações entre o <i>Coping Diádico Global</i> e as Subescalas do <i>Coping Diádico</i> .....	28
Tabela 5. Correlações entre as Subescalas do <i>Coping Diádico</i> .....	28
Tabela 6. Correlações Intra-Casal entre a <i>Média da Satisfação Conjugal</i> e o <i>Coping Diádico Global</i> .....	29
Tabela 7. Correlações entre a <i>Média da Satisfação Conjugal</i> Intra-Casal e as Subescalas de <i>Coping Diádico dos Maridos</i> .....	29
Tabela 8. Correlações entre a <i>Média da Satisfação Conjugal</i> Intra-Casal e as Subescalas de <i>Coping Diádico das Esposas</i> .....	30
Tabela 9. Correlações entre o <i>Coping Diádico Global</i> Intra-Casal e as Subescalas de <i>Coping Diádico dos Maridos</i> .....	31
Tabela 10. Correlações entre o <i>Coping Diádico Global</i> Intra-Casal e as Subescalas de <i>Coping Diádico das Esposas</i> .....	31
Tabela 11. Correlações Intra-Casal entre as Subescalas de <i>Coping Diádico</i> .....	32
Tabela 12. Correlações Intra-Casal entre as Medidas Agregadas de <i>Coping Diádico</i> ...	32
Tabela 13. Síntese das Análises de Regressões Múltiplas <i>Stepwise</i> para as variáveis do <i>Coping Diádico</i> que predizem a <i>Satisfação Conjugal Global</i> .....	33
Tabela 14. Síntese das Análises de Regressões Múltiplas <i>Stepwise</i> para as variáveis do <i>Coping Diádico</i> que predizem a <i>Satisfação Conjugal das Esposas</i> .....	34
Tabela 15. Síntese das Análises de Regressões Múltiplas <i>Stepwise</i> para as variáveis do <i>Coping Diádico</i> que predizem a <i>Satisfação Conjugal dos Maridos</i> .....	34

## Anexos

### Anexo I – Protocolo de Apresentação e Instrumentos Utilizados

## Apêndices

### Apêndice I – Caracterização Sociodemográfica da Amostra

### Apêndice II – Output de Regressões

## Índice de Abreviaturas

Satisfação Conjugal – SC

Satisfação Conjugal Global - SCG

*Coping* Diádico – CD

*Coping* Diádico Global- CDG

Escala de Avaliação Relacional - RAS

Inventário de *Coping* Diádico - ICD



## Introdução

A presente investigação constitui um recorte de uma investigação a decorrer no âmbito do projecto de doutoramento de Ana Vedes Pacheco, com o título “*Factores de Risco e Resiliência na Promoção da Satisfação Conjugal: Um Caminho para a Prevenção?*”.

O enfoque do presente estudo visa, compreender as relações entre as variáveis *Satisfação Conjugal* e *Coping Diádico*, globalmente e intra-casal, numa amostra de casais heterossexuais portugueses, casados ou em união de facto, e averiguar se existem diferenças face às variáveis anteriores quando consideramos o *sexo*, a *escolaridade*, o *estatuto ocupacional*, a *zona de residência do país*, a *área de residência* e a *situação relacional* dos casais. Também se pretende compreender a convergência *versus* divergência quanto à percepção de *Satisfação Conjugal*, *Coping Diádico* e seus componentes, ao nível intra-casal e quais os componentes de *Coping Diádico* que contribuem mais para explicar a *Satisfação Conjugal* Global, das Esposas e dos Maridos.

Pretende-se ainda reflectir sobre como é que as variáveis em estudo podem contribuir para uma maior ou menor resiliência conjugal face ao *stress*, quer devido a factores internos, quer devido a factores mais externos à díade conjugal.

A escolha do tema é justificada 1) pela escassez de estudos no nosso país que explorem estas variáveis; 2) pelas taxas elevadas de divórcio, tanto nos E.U.A como na Europa (Bodenmann, Pihet, Shantinath, Cina & Widmer, 2006b), particularmente em Portugal (64,8% de divórcios registados em 2009; Instituto Nacional de Estatística); 3) por muitos dos casamentos que não terminam em divórcio, serem sentidos pelos cônjuges<sup>1</sup> como atribulados (Döring, Baur, Frank, Freundl, & Sottong, 1986, cit. por Bodenmann et al., 2006b); 4) pela importância que as relações amorosas têm para a felicidade e bem-estar dos indivíduos (Bodenmann et al., 2006b) e; 5) pela importância que estratégias de *coping* ao nível da díade parecem ter para uma maior satisfação e resiliência conjugal (Papp & Witt, 2010).

---

<sup>1</sup> De forma a facilitar a leitura, utilizaremos “cônjuges”, “maridos” e “esposas” para nos referirmos aos elementos da díade, tanto para os casamentos, como para as uniões de facto.

Consideramos que esta investigação pode ser uma contribuição para o enriquecimento do conhecimento sobre *Satisfação Conjugal* e estratégias de *Coping Diádico*, e suas metamorfoses intra-casal, no contexto português.

Assim, o presente trabalho organiza-se da seguinte forma: iniciaremos com uma revisão e síntese de toda a bibliografia recolhida (ponto 1); de seguida será apresentado o processo metodológico e os resultados obtidos (ponto 2, 3 e 4); por fim (ponto 5) será feita uma discussão desses mesmos resultados, enquadrando-os na literatura já existente, onde serão também apresentadas limitações e implicações para investigações futuras, para a prática preventiva e clínica.

## 1. Enquadramento Teórico

### 1.1. Importância e Complexidade da Conjugalidade

O Código Civil Português define casamento como “contrato celebrado entre duas pessoas que pretendam constituir família mediante uma plena comunhão de vida” (art.º 1577)<sup>2</sup>. Embora tradicionalmente as relações fossem concebidas entre indivíduos de sexo diferente, por meio de casamento, actualmente existe uma visão mais alargada de conjugalidade que abrange relações entre duas pessoas não casadas, que vivam em regime de união de facto e ainda relações entre pessoas do mesmo sexo. Consideramos importante para a investigação a distinção entre casais heterossexuais e homossexuais, sendo que poderão existir diferenças significativas nos processos subjacentes aos dois tipos de conjugalidade. No entanto, a presente investigação incide apenas sobre casais heterossexuais, casados ou em união de facto.

A conjugalidade, entendida como uma relação em contexto de casamento ou união de facto (coabitação), entre dois indivíduos de sexo diferente, é um fenómeno complexo e, uma das áreas de interesse por parte dos investigadores nas últimas décadas. Neste sentido, as variáveis com maior impacto na conjugalidade têm sido alvo de diversos estudos.

Da mesma forma, nas últimas décadas, o fenómeno do divórcio, assim como os factores que contribuem ou previnem o seu acontecimento, tem sido alvo de interesse por parte dos investigadores (Bodenmann, 2005; Bradbury, Fincham, & Beach, 2000; Gottman & Levenson, 2000; Karney & Bradbury, 1995). A investigação sobre este tema tem permitido reunir um conhecimento sobre variáveis relevantes para o sucesso ou

---

<sup>2</sup> Consultar Lei n.º 9/2010 de 31 de Maio.

insucesso do casamento, como os processos de comunicação e de resolução de conflitos (Gottman & Levenson, 2000; Wunderer & Schneewind, 2008), as características e vulnerabilidades pessoais (Karney & Bradbury, 1995), o *stress* no casamento (Bodenmann, 2000, Bodenmann & Cina, 2000, cit. por Wunderer e Schneewind, 2008), e o *coping* diádico (Bodenmann, 2000, cit. Wunderer & Schneewind, 2008).

Esta vasta linha de investigações parece ter sido incitada sobretudo pelas fortes implicações que o divórcio tem na vida dos ex-cônjuges não só a nível psicológico mas também a nível físico (e.g., Gottman, 1998). Os estudos mostram que, de entre as consequências negativas do divórcio, estão: a) o aumento do número de acidentes de automóvel, de suicídios e homicídios, do risco de desenvolver uma psicopatologia (Gottman, 1998); e b) a diminuição de respostas do sistema imunitário com consequências no aumento de doenças físicas (Robles & Kiecolt-Glaser, 2003; Gottman, 1998).

Por outro lado, estudos longitudinais revelam que, os casamentos que seguem uma trajectória negativa, são constituídos por cônjuges com falta de competências (Bodenmann et al., 2006b) entre elas competências diádicas de comunicação, de resolução de conflitos e de *coping* (Karney & Bradbury, 1995).

Ao longo de ciclo de vida, são diversos os acontecimentos que podem ser encarados como *stressores* (Bodenmann, Pihet & Kayser, 2006a). Os acontecimentos críticos e o *stress* afectam não só a família como cada um dos seus membros e as relações entre eles (Walsh, 2002) e, se por um lado, a forma como a díade responde ao *stress* potencia o desenvolvimento das suas forças ou fragilidades, por outro, o *stress* que afecta um dos membros do casal irá repercutir-se no sub-sistema conjugal (Alarcão, 2006). Sendo o sub-sistema conjugal o núcleo de uma família e a conjugalidade (satisfeita) representar uma fonte de satisfação com a vida (Ruvolo, 1998, cit. por Bodenmann et al., 2006a), bem-estar emocional (Tesser & Beach, 1998) e saúde física (Schmaling & Sher, 2000, cit. por Bodenmann et al., 2006a) torna-se relevante compreender o modo como o sub-sistema conjugal (tanto a díade como cada elemento) reage perante a adversidade e é capaz de ser resiliente.

O *stress* afecta certamente a relação (Bodenmann, 2005) e, a literatura tem vindo a demonstrar que o apoio do parceiro aumenta a satisfação conjugal (Dehle, Larsen, & Landers, 2001; Pasch & Bradbury, 1998, cit. por Brock & Lawrence, 2008) e que casais que enfrentam em conjunto o *stress*, têm mais probabilidade de aumentar a confiança mútua, o compromisso e a percepção de si enquanto equipa (Bodenmann, 2005).

Cutrona (1996) sugere que um dos mecanismos através do qual o apoio do parceiro contribui para a satisfação no casamento é a prevenção da degradação relacional provocada pelo *stress*, e, no mesmo sentido, Bodenmann sugere que *coping* diádico tem dois objectivos principais: 1) a redução do *stress* e 2) o reforço da qualidade da relacionamento (Bodenmann, 2005).

## 1.2. Satisfação Conjugal

Se é verdade que nos países Ocidentais, de uma maneira geral, e em Portugal, em particular, as taxas de divórcio têm atingido valores bastantes elevados (Bodenmann et al., 2006b), é igualmente verdade que uma grande parte dos casais continua a optar pelo (re)casamento/união de facto. A razão para este acontecimento parece residir na satisfação e bem-estar que o casamento representa (Narciso, 2001). Sendo o sub-sistema conjugal o núcleo de uma família, são inúmeros os estudos que se têm debruçado na temática da satisfação conjugal (Bradbury, Fincham & Beach, 2000).

Na realidade, desde a década de 50 que a investigação se tem focado, não nos indivíduos mas nos estilos de interacção entre eles e sobre as relações (Bateson, Jackson, Haley & Weakland, 1956 cit. por McCabe, 2006). Assim, também as interacções entre o casal passaram a ser alvo de interesse. Nessa altura, os estudos abordavam principalmente a disfuncionalidade de comportamentos e cognições e portanto, havia a crença de que casais infelizes eram simplesmente mais negativos do que os casais felizes (McCabe, 2006).

Nos anos 70, foi dada importância a outras variáveis como o afecto, a comunicação e a resolução de conflitos e assim os casamentos felizes e a satisfação conjugal começaram a ser explorados. A sua importância para o indivíduo, família e bem-estar levam a que alguns autores dirijam as suas investigações para este tema.

Dentro desta área, os estudos mais recentes têm procurado compreender os factores que se relacionam com a satisfação conjugal, as suas causas e consequências, de forma a construir estratégias de intervenção e prevenção para casais em dificuldade (McCabe, 2006; Kardatzke, 2009).

Porque a relação de casal é primordial na vida dos indivíduos (Robles e Kiecolt-Glaser, 2003), importa compreender os factores que a influenciam e que contribuem para o sucesso de um casamento.

De entre as variáveis que tem sido demonstrado afectarem a satisfação conjugal, alguns autores sugerem a seguinte categorização: 1) processos adaptativos do casal

(afectivos, comportamentais e cognitivos); 2) transições ao longo do ciclo de vida (normativas e não-normativas que afectam o casal ou um dos cônjuges); características individuais (história, personalidade e experiências pessoais que os cônjuges trazem para a relação) e; 4) variáveis contextuais (família de origem, rede social, trabalho e cultura) (Halford & Moore, 2002, cit. por Vedes, Lind & Lourenço, 2011)<sup>3</sup>.

Na perspectiva defendida por Gottman e Silver (2001), nas conjugalidades satisfeitas os casais adquirem uma dinâmica que impede a dominância dos sentimentos e pensamentos negativos e são capazes de fazer prevalecer comportamentos, sentimentos e pensamentos positivos, mesmo em situações de conflito. Assim sendo, os casais emocionalmente inteligentes caracterizam-se por começarem as discussões de forma suave, estarem virados emocionalmente para os parceiros, impedirem a escalada da negatividade e aceitarem a influência dos parceiros. Quanto mais emocionalmente inteligentes forem os casais, maior é a probabilidade de se compreenderem, se respeitarem mutuamente e respeitarem o casamento/união de facto e assim são mais prováveis de serem felizes na sua relação (Gottman & Silver, 2001).

Estudos mostram que os indivíduos casados relatam maior satisfação com a vida (Mastekaasa, 1994 cit. por Kardatzke, 2009), menores taxas de mortalidade (Johnson et al., 2000, cit. por Kardatzke, 2009) e melhor bem-estar económico (Johnson et al., 2000 cit. por Kardatzke, 2009) do que os indivíduos solteiros. Contudo, o casamento não está isento de consequências negativas e, se por um lado proporciona benefícios, estes podem restringir-se a indivíduos satisfeitos com a relação.

Assim sendo, pretende-se neste estudo analisar de que forma o *Coping* Diádico representa um processo adaptativo que pode contribuir para a *Satisfação Conjugal*, ou seja, para a “*avaliação subjectiva de cada pessoa em relação ao que sente sobre a sua relação, num dado momento*” (Hendrick, Dicke & Hendrick, 1998, p.137).

---

<sup>3</sup> Outra categorização possível é: a) variáveis demográficas (e.g., género, número de filhos, idade ao casamento, situação profissional, nível de educação); b) variáveis intrapessoais (ex: auto-estima, depressão, neuroticismo e vinculação); c) variáveis interpessoais (e.g., comunicação ou resolução de conflitos, apoio do cônjuge, agressão ou violência, expressão afectiva) e; d) variáveis cognitivas (atribuições, crenças e expectativas) (Kardatzke, 2009).

### 1.3. *Coping* Diádico

Antes de nos debruçarmos especificamente sobre este conceito central no nosso trabalho, consideramos relevante reflectir um pouco sobre os conceitos de *stress* individual e diádico, bem como sobre o conceito de *coping* individual.

#### 1.3.1. *Stress* Individual e Diádico

O conceito de *stress* tem sido estudado, sobretudo, do ponto de vista individual. Quer isto dizer que interessava compreender como um indivíduo lida com *stressores* e qual o seu impacto na vida do sujeito (Folkman & Moskowitz, 2004; Lazarus & Folkman, 1984).

O *stress* tem sido definido de formas diversas e os principais critérios sobre os quais estas se constroem abrangem as respostas fisiológicas (ex: frequência cardíaca) e eventos ou situações (ex: doenças, catástrofes naturais) (Kardatzke, 2009).

Segundo Lazarus (1966, cit. por Kardatzke, 2009) o *stress* deve ser definido como uma relação entre a pessoa e o ambiente, sendo que a pessoa avalia a situação como potencial ameaça e examina os seus recursos para a enfrentar. O *stress* é assim um estado que resulta da apreciação do indivíduo a um *stressor* específico que representa uma ameaça, um desafio ou uma potencial perda (Lazarus & Folkman, 1984).

Podemos então distinguir entre o *stress*, isto é a experiência psicológica, e o *stressor*, ou seja, a situação real ou imaginária percebido como ameaça e, portanto a classificação de um estímulo como *stressor* depende da avaliação cognitiva do indivíduo (Kardatzke, 2009).

Lazarus e Folkman (1984) defendem, na sua teoria transaccional de *stress* e *coping*, que é possível distinguir dois tipos de avaliações. A avaliação primária caracteriza-se pela determinação, por parte do indivíduo, da ameaça que a situação representa e a avaliação secundária representa a avaliação da existência ou não de recursos para lidar com o *stressor*. Este processo de avaliação cognitiva representa a relação entre *stress* e *coping* e sugere que, não é o evento em si que determina a respostas mas sim os recursos e estratégias de *coping* do indivíduo.

Outra distinção possível são os tipos de *stress*. O *eustress* caracteriza-se por situações agradáveis e que tem o potencial de motivar o indivíduo, conduzindo-o a um nível óptimo de saúde ou desempenho e o *distress* refere-se a um estímulo percebido como irrelevante, inconsequente ou como ameaça e que origina uma avaliação negativa

da situação, implicando consequências mentais, emocionais e/ou espirituais negativas para o sujeito (Seaward, 2006).

Geralmente, os autores restringem a distinção a *stressores* agudos ou crónicos por representarem diferentes consequências sobre os indivíduos (Kardatzke, 2009). Contudo, há também diferentes classificações para os *stressores*<sup>4</sup>.

Independentemente do tipo de *stress* ou de *stressores*, os indivíduos não estão imunes às suas inúmeras consequências. Nas últimas décadas, os investigadores têm tentado documentar os efeitos do *stress* sobre a saúde e funcionamento individual. Estas consequências verificam-se tanto ao nível da saúde física, por exemplo: no aumento do número de idas ao médico (Nelson et al., 2001, cit. por Kardatzke, 2009), aumento do risco de doença (Toews et al. 1993, cit. por Kardatzke, 2009), sistema imunitário fragilizado (Borysenko, 1987, cit. por Kardatzke, 2009), distúrbios do sistema nervoso (Seaward, 2006); como na saúde psicológica, aumentando, por exemplo, a probabilidade de consumo de substâncias (Brennan & Moos, 1990, cit. por Kardatzke, 2009).

Além das consequências individuais, as relações com os outros, de uma maneira geral, também são afectadas pelo *stress*. As famílias podem também ser fontes de *stress* ou de recursos para lidar com ele (Pearlin & Turner, 1987, cit. por Kardatzke, 2009).

Se por um lado, os estudos têm demonstrado que há implicações individuais a nível emocional e relacional (nomeadamente ansiedade, depressão, entre outras) (Catherall, 2004, Denborough, 2006, Webb, 2003, cit. por Walsh, 2007), outros autores comprovam que, nas relações íntimas, o *stress* experimentado por um indivíduo implica custos interpessoais e sociais, nomeadamente diminuição da qualidade da comunicação, da satisfação com a relação e do funcionamento sexual (Papp & Witt, 2010) e da qualidade e da satisfação conjugal em geral (Neff & Karney, 2004; Story & Bradbury, 2004). Por outras palavras, o *stress* tem um efeito directo sobre a saúde do indivíduo e um efeito indirecto pelo seu impacto na díade conjugal.

Neff e Karney (2004) afirmam que, o *stress* aumenta a percepção dos problemas relacionais e diminui os recursos cognitivos dos parceiros para se adaptarem aos problemas, ou seja, quando estão sob *stress*, os parceiros tendem a culpar mais o outro

---

<sup>4</sup> Alguns autores distinguem entre: a) *stressores* agudos (de duração limitada e representam uma ameaça potencial imediata derivada de acontecimentos claramente definidos); b) *stressores* em sequência (série de acontecimentos que provocam *stress*, sendo que resultam de evento inicial específico e delimitado, como o divórcio); c) *stressores* crónicos intermitentes (aqueles que se repetem no tempo e reaparecem periodicamente); e d) *stressores* crónicos (situações que se prolongam no tempo) (Elliott & Eisdorfer, 1982, cit. por Kardatzke, 2009; Brock & Lawrence, 2008).



sobre os problemas da relação. Na mesma linha, Revenstorf e colaboradores (1980, cit. por Gottman, 1998) demonstraram que casais *não-stressados* se envolvem mais em sequências de interações mais construtivas, de validação e positividade recíproca do que casais *stressados*. Estes últimos, por sua vez, envolvem-se mais em sequências de desvalorização, negativismo contínuo e iniciação de interações negativas.

O mesmo autor afirma ainda que mesmo os indivíduos que apresentam elevados níveis de *coping*, podem não ser capazes de eliminar os efeitos negativos do *stress*, dentro do seu relacionamento.

É evidente que o subsistema conjugal é afectado e estes resultados sublinham a importância de compreender o *stress* e como este pode prejudicar os relacionamentos, porque maior *stress* no casamento está associado a um maior risco de divórcio (Karney, Story, & Bradbury, 2005) e porque a interdependência dos indivíduos nas relações íntimas, reforçam a necessidade de integrar o nível individual de *coping* em modelos que considerem as relações diádicas (Papp & Witt, 2010).

Neste contexto realçamos o conceito de *stress* diádico, definido como um evento ou situação que directa ou indirectamente ameaça ambos os cônjuges e exige respostas de *coping* de ambos (Bodenmann, 2005).

Bodenmann (2005) distingue dois tipos de *stress* diádico - directo e indirecto. O *stress* diádico directo ocorre quando ambos os cônjuges são afectados por um *stressor* comum, simultaneamente e em grau semelhante (ex: falta de dinheiro), embora de formas diferentes. Já o *stress* diádico indirecto diz respeito a situações em que apenas um dos parceiros é inicialmente ameaçado, mas o outro é influenciado pelo comportamento e estado emocional do parceiro sob *stress* (ex: perda de emprego de um parceiro).

Assim parece ser crucial ter em conta dados diádicos, pois estes podem fornecer informações sobre com os parceiros co-percebem e co-controlam o *stress* (Bodenmann et al., 2010).

### 1.3.2. *Coping* Individual e Diádico

Diversos são os estudos tanto teóricos, como empíricos sobre *coping*. Rudolph, Denning e Weisz (1995, cit. por Antoniazzi, Dell'Aglio & Bandeira, 1998) chegam



mesmo a afirmar que há contradições entre as definições de *coping* usadas pelos diferentes investigadores<sup>5</sup>.

De entre os diversos conceitos, o paradigma mais conhecido é o proposto, por Lazarus e Folkman (1984) onde o conceito de *coping* é definido como “conjunto de esforços cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o objectivo de lidar com exigências (...) específicas, internas ou externas, que surgem em situações de stress e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo os seus recursos pessoais” (Antoniazzi, Dell’Aglío, & Bandeira, 1998, p. 276). Assim sendo, as estratégias de *coping* são intencionais e podem ser aprendidas ou descartadas.

Conceptualizando o modelo, podemos constatar que assenta em quatro conceitos principais: 1) o *coping* é um processo de interacção entre o sujeito e o meio; 2) o seu objectivo é gerir a situação de *stress* e não controlá-la; 3) pressupõe que haja uma avaliação, isto é, o modo como o *stressor* é percebido e interpretado cognitivamente pelo indivíduo e 4) exige a mobilização de esforços cognitivos e comportamentais (Antoniazzi, Dell’Aglío, & Bandeira, 1998). Portanto, a resposta de *coping* é geralmente orientada para a redução de *stress*.

Lazarus e Folkman (1984) conceptualizam então o *coping* como um fenómeno transaccional entre o indivíduo e o ambiente. O modelo baseia-se assim na premissa de que, perante um potencial *stressor*, o indivíduo avalia se este representa ou não uma ameaça (avaliação primária), se possui recursos disponíveis para lidar com ele (avaliação secundária) e, de seguida, responde com as estratégias de *coping* que considera adequadas (Kardatzke, 2009).

Deste modo, propõem a divisão do *coping* em duas categorias (que dizem respeito a estratégias de *coping* usadas pelos indivíduos): 1) *coping* focalizado no problema (tentativa do indivíduo para alterar a situação que originou o *stress*. Ou seja, a pessoa lida com o problema existente entre si e o meio em que está inserida, podendo direccionar a sua atenção para fontes internas (e.g., usando uma reestruturação cognitiva) ou para fontes externas (e.g., através da negociação interpessoal) e 2) *coping* focalizado na emoção (esforço para regular as emoções associadas ao *stress* ou resultantes dele). São exemplos desta estratégia comportamentos como tomar um calmante ou “sair para desanuviar”. Portanto, o seu foco é a diminuição de sensações físicas e somáticas desagradáveis (Antoniazzi, Dell’Aglío, & Bandeira, 1998).

---

<sup>5</sup> Para uma revisão do conceito consultar Antoniazzi, Dell’Aglío e Bandeira (1998).

Todas as tentativas de gerir a situação *stressora*, sejam bem ou mal sucedidas, adaptativas ou não, são consideradas estratégias de *coping*. A eficácia da estratégia exige que se tenha em conta o *stress*, os recursos de *coping* disponíveis e o resultado do esforço usada nas estratégias de *coping*.

Este modelo transaccional tem sido a base de diversos modelos e teorias de *coping* diádico, nomeadamente os modelos de Barbarin e colaboradores (1985) desenvolvidos, posteriormente, por Revenson (1994, cit. por Bodenmann et al, 2006a)<sup>6</sup> e de Bodenmann (2005).

O modelo de Barbarin e colaboradores (1985, cit. por Bodenmann et al, 2006a) considera as estratégias de *coping* usadas por cada parceiro o seu grau de congruência ou discrepância com as estratégias do outro. A congruência ou discrepância entre parceiros está associada à satisfação conjugal e ao bem-estar pessoal. Ainda assim, embora sob um ponto de vista diádico, este modelo continua a ver o *coping* como uma variável que medeia a relação entre parceiros e, as considerações diádicas, são realizadas por comparação entre os resultados individuais (Pakenham, 1998, Revenson, 1994, cit. por Bodenmann et al, 2006a).

Já a teoria de Bodenmann (2005), considerada como sistémico-transaccional, baseia-se na ideia de como as reacções de *coping* de um parceiro têm em conta os sinais de *stress* do seu cônjuge (Bodenmann et al, 2006a). Esta teoria está relacionada com o modo como lidar com o *coping* diádico pode ajudar a aliviar o *stress* individual no quotidiano (Bodenmann et al, 2006a). Neste sentido, Bodenmann (2000, cit. por Bodenmann et al., 2006) demonstrou que os casais que apresentam baixas competências de *coping* individual, tendem a interagir de forma inadequada com maior frequência, o que, além de contribuir para uma diminuição da satisfação conjugal, aumenta o risco de divórcio.

O processo de lidar com situações *stressantes* raramente ocorre isoladamente. As relações íntimas são caracterizadas pela interdependência entre indivíduos e por isso, as experiências de *stress*, assim como os esforços para lidar com os *stressores*, influenciam ambos os parceiros.

---

<sup>6</sup> Existem outros modelos de *coping* diádico como o *Relationship-Focused Coping* (Coyne & Smith, 1991) e o *Coping* Empático (DeLongis & O'Brien, 1990). Contudo, estes não serão alvo de exploração no âmbito desta dissertação. Para aprofundamento destes modelos consultar Bodenmann, Pihet e Kayser (2006a).

A ênfase no *stress* e *coping* nos casais levou a que os investigadores não se interessassem só pelas avaliações de *stress* e estratégias de *coping* individual mas também pelas estratégias de *coping* da díade conjugal (Story & Bradbury, 2004).

Isto conduziu a um novo conceito que ultrapassa a dimensão individual e as teorias de *coping* diádico começaram a surgir nos anos 90. Definido de diversas formas pelos diferentes autores, foi considerado como estratégias de *coping* individual no contexto de um casamento (Pearlin & Schooler, 1978, cit. por Kardatzke, 2009), interacção entre estratégias de *coping* de cada parceiro (Barbarin et al, 1985, cit. por Kardatzke, 2009) ou como esforços individuais de cada parceiro focados no bem-estar de cada indivíduo e da relação conjugal (Coyne & Smith, 1991; O'Brien & DeLongis, 1997, cit. por Kardatzke, 2009). Nesta investigação optámos pela definição de Bodenmann que considera o *coping* diádico como um processo que envolve ambos os parceiros, num esforço conjunto para controlar os *stressores*, que dizem respeito a ambos (quer directa quer indirectamente) que implica uma reacção aos sinais de *stress* comunicados pelo parceiro, delegação de tarefas e colaboração para gerir a situação *stressora* (Bodenmann, 2005, Bodenmann et al., 2010).

Além disso, o *coping* diádico pode ajudar os parceiros a lidar mais eficazmente com os acontecimentos *stressantes* que sobrecarregam as estratégias de *coping* individual; as estratégias de cada casal podem determinar o impacto dos *stressores* no casamento (Bodenmann, 2005) e o recurso a estratégias de *coping* diádico pode aumentar a probabilidade de perceber o parceiro como alguém de confiança, íntimo e apoiante (Bodenmann et al, 2006a).

Ainda que seja cada vez mais reconhecida a necessidade de considerar o *coping* nas relações diádicas, permanecem dúvidas quanto à interacção entre *coping* individual e *coping* diádico nomeadamente como é que o *coping* diádico influencia o *coping* individual (Papp & Witt, 2010). Os estudos têm vindo a demonstrar que o *coping* individual e diádico tem baixa correlação e que, o *coping* diádico é mais preditivo do funcionamento da relação que o *coping* individual (Papp & Witt, 2010).

Como afirma Cutrona (1996), o apoio de um dos parceiros pode compensar os efeitos do *stress*, o que reforça o poder das trocas pró-sociais nos relacionamentos íntimos. Assim, o *coping* diádico permite restaurar a homeostase física, psicológica e social, nos indivíduos e nas relações diádicas (Bodenmann et al., 2006b).

Importa ainda ressaltar que, embora os investigadores tenham demonstrado a importância dos processos de apoio nas relações conjugais (Coyne & DeLongis, 1986,

cit. por McCabe, 2006), de acordo com esta abordagem teórica, o *coping* diádico é claramente distinto do apoio social (Bodenmann et al., 2006a). Primeiro porque, por definição, o *coping* diádico é o apoio entre parceiros e, além disso, o cônjuge é a fonte principal de apoio, o que faz com que o seu apoio tenha um maior significado comparando com outros indivíduos; depois, porque o *coping* diádico envolve o compromisso entre os parceiros para garantirem a satisfação e bem-estar de ambos; por último o *coping* diádico é um conceito que envolve muitos outros comportamentos protectores para além do apoio (Bodenmann et al., 2006a).

#### 1.3.2.1. Modelo Transaccional-Sistémico de *Coping* Diádico

Bodenmann foi pioneiro na construção do conceito de *coping* diádico (Papp & Witt, 2010). Este autor sugere que o *stress* pode ser gerido de três formas: 1) *coping* individual; 2) *coping* diádico ou; 3) procura de apoio, sendo que é por esta mesma ordem que são utilizados. Ainda defende que os principais objectivos do *coping* diádico são reduzir os efeitos do *stress* de cada parceiro e melhorar a qualidade da relação (Bodenmann, 2005).

Desenvolveu então um modelo sistémico-transaccional que postula que a interacção entre parceiros pode ser composta por: 1) *stressores* que afectam um dos elementos da díade e 2) os esforços de um ou ambos os membros para lidar com os *stressores*. Ou seja, o *coping* diádico é um processo, caracterizado por a) sinais de *stress* específicos de um dos parceiros, b) as respostas verbais, não-verbais ou paraverbais do outro a estes sinais, e c) os esforços de ambos (Bodenmann, 2005; Bodenmann & Cina, 2005, cit. por Papp & Witt, 2010; Bodenmann, 1997, 2000, cit. por Wunderer & Schneewind, 2008). Assim sendo, tanto o *stress* como o *coping* diádico ocorrem num contexto espacial e temporal específicos, e envolvem ambos os membros do casal (Bodenmann, 2005).

Sendo que, o *coping* diádico depende da comunicação do *stress* por um dos parceiros e da percepção e interpretação dos sinais pelo outro, podem ser accionadas diferentes respostas (Bodenmann et al., 2006b). Bodenmann diferencia formas diferentes de respostas: 1) o parceiro ignora por falta de motivação; 2) o parceiro deixa-se contagiar; 3) o parceiro usa formas positivas; ou 4) o parceiro usa formas negativas de resposta (Bodenmann, 2005; Bodenmann et al., 2006a; Bodenmann et al., 2006b; Kardatzke, 2009; Papp & Witt, 2010; Wunderer & Schneewind, 2008).

As formas positivas de *coping* diádico podem ser:

1) o *coping diádico apoiante*: quando um dos parceiros está exposto à situação *stressante* e é assistido pelo outro de forma a lidar eficazmente com a situação. Pode ter como foco o problema (e.g., dar conselhos práticos, ajudar a reformular a situação) ou focar-se em emoções (e.g., expressar gestos de apoio, afirmar crenças nas capacidades do parceiro);

2) o *coping diádico em conjunto*: quando ambos os parceiros são directamente afectados pelo evento *stressante* e envolvem-se de forma simétrica ou complementar no processo de *coping*. São exemplos a procura conjunta de soluções, a partilha de sentimentos e o compromisso mútuo;

3) o *coping diádico delegado*: quando um parceiro é o principal afectado pelo *stressor* e pede ao outro para assumir algumas das suas tarefas e funções, de forma a reduzir o seu nível de *stress*. Assim uma nova divisão de tarefas é estabelecida.

Por outro lado, as formas negativas englobam:

1) o *coping diádico hostil*: quando o apoio é acompanhado por depreciação, distanciando, gozo, sarcasmo, desinteresse aberto, ou minimização da gravidade do *stress* do parceiro;

2) o *coping diádico ambivalente*: quando um dos parceiros apoia o outro sem intenção de o fazer ou quando assume uma atitude de que a sua contribuição é desnecessária;

3) o *coping diádico superficial*: quando o parceiro que está a apoiar não é sincero ou é hipócrita, fazendo perguntas pouco empáticas sem ouvir as respostas do parceiro.

O tipo de *coping* diádico “seleccionado” depende das competências de *coping* individual assim como das diádicas, das características da situação em que o *stress* ocorre e da motivação para se envolver no apoio ao parceiro (Wunderer & Schneewind, 2008).

Este conceito tem sido alvo de um aumento de investigações, em especial a forma como se relaciona com outras variáveis, nomeadamente com a satisfação conjugal (e.g., Bodenmann & Cina, 2005; Bodenmann et al., 2006b) e doença física.

#### 1.4. Satisfação Conjugal e *Stress*

Diversos estudos<sup>7</sup> fornecem evidências de que, quando sob *stress*, há falta de tempo para o relacionamento; diminuição da comunicação conjugal; da qualidade da comunicação conjugal e diádica; e da satisfação conjugal. Além disso, quando submetidos a longos períodos de *stress*, os casamentos têm maior probabilidade de terminar em divórcio (Bodenmann et al, 2006a, Karney et al, 2005).

Quando falamos em *stress* no casal podemos conceptualizá-lo de duas formas: 1) *stress* experimentado por um dos parceiros e que afecta o outro e a relação indirectamente; e 2) *stress* experimentado directamente na relação conjugal (ex: *stress* provocado pela morte de um filho) (Bodenmann et al., 2006b).

Bodenmann (2005) descobriu que *stress* e deterioração da interacção conjugal estão directamente relacionados. Após a indução de *stress*, num experimento laboratorial, a qualidade da comunicação diminui em 40%, assim como a escuta activa do parceiro, o interesse e a empatia. Da mesma forma, a crítica e o desprezo aumentaram significativamente (Bodenmann, 2010). Outros autores referem que, se a relação dos casais infelizes é marcada por longas cadeias de reciprocidade negativa, os casais felizes parecem viver num clima de concordância na interacção (Gottman, 1998).

Assim, e de acordo com diversas evidências, a satisfação conjugal é geralmente afectada pelo *stress* (Bodenmann, Ledermann, & Bradbury, 2007; Cohan & Bradbury, 1997 cit. por Neff & Karney, 2004; Tesser & Beach, 1998).

Bodenmann (2005) hipotetiza que o *stress* externo ao casal (ex: *stress* no trabalho) afecta a satisfação conjugal devido a: 1) redução do tempo que os parceiros passam juntos, que por sua vez resulta numa redução de partilha de experiências, sentimentos de união e a auto-revelação; 2) diminuição da qualidade da comunicação, potenciando menor interacção positiva e mais interacção negativa; 3) aumento do risco de problemas psicológicos e físicos, tais como distúrbios do sono, disfunção sexual e distúrbios de humor; e 4) aumento da probabilidade que traços de personalidade sejam expressos entre parceiros (por exemplo, ansiedade e hostilidade).

Contudo, alguns investigadores descobriram que existem situações em que o *stress* não afecta a satisfação conjugal de forma negativa e pode, na verdade promover a oportunidade para os casais reforçarem as suas relações (Story & Bradbury, 2004). Estes resultados aparentemente contraditórios podem ser explicados por um modelo de

---

<sup>7</sup> Para uma revisão dos estudos consultar Bodenmann e colaboradores (2006b).

crescimento pessoal que sugere que perante situações desafiadoras, os casais têm a oportunidade de aprofundar o compromisso e a intimidade (Story & Bradbury, 2004). No mesmo sentido, outros investigadores que têm explorado a relação entre *stress* e satisfação conjugal, concluíram que as atribuições e as interações comportamentais positivas, ajudam a amenizar o impacto do *stress* na relação (Graham & Conoley, 2006 cit. por Kardatzke, 2009).

### 1.5. Satisfação Conjugal e *Coping* Diádico

De uma maneira geral os estudos sobre *coping* diádico e funcionamento conjugal têm demonstrado que o *coping* diádico está associado a 1) uma maior qualidade conjugal; 2) baixos níveis de tensão; 3) menos problemas psicológicos; 4) maior bem-estar físico (medido por auto-relato) (Dehle, Larsen & Landers, 2001; Bodenmann, 2000, Walen & Lachman, 2000, cit. por Bodenmann et al, 2006a) e 5) maior estabilidade das relações (Bodenmann, 2001, Bodenmann & Cina, 2000, cit. por Wunderer & Schneewind, 2008). No mesmo sentido, um estudo sobre *stress* e *coping* em casais demonstrou que o *coping* diádico representa um factor importante na qualidade e estabilidade do casamento (Bodenmann et al., 2006b).

Bodenmann (2005) justifica estes resultados dizendo que o *coping* diádico atenua o impacto negativo do *stress* sob o casamento, reforça os sentimentos de “We-Ness” (isto é, de sentimento de pertença, do casal como um todo), a confiança mútua, a intimidade e a representação da relação como útil e apoiante.

Além disso, a satisfação conjugal está associada a formas mais adaptativas de *coping* diádico (Bodenmann, 2005) como comprovado no estudo de Bodenmann et al (2006a), que concluiu que a *coping* diádico mais positivo e a *coping* diádico menos negativo está significativamente associada a maior qualidade conjugal. No estudo de Bodenmann e Cina (2005) onde ficou demonstrado que os casais em relacionamentos classificados como “estáveis e satisfeitos” ao longo de um período de 5 anos demonstraram estratégias de *coping* individuais e *coping* diádico mais eficazes e mais positivas do que os casais classificados como “em dificuldades” ou separados durante o mesmo período de tempo (Papp & Witt, 2010).

Embora os estudos mostrem uma relação positiva entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal, parece existir uma maior associação destas variáveis para o sexo feminino do que para o sexo masculino (Goodman, 1999 cit. por Bodenmann et al, 2006a). Ainda assim, os estudos indicam que *coping* diádico dos homens é mais



importante para a qualidade conjugal do que das mulheres (Gottman et. al, 2003, cit. por Bodenmann, 2005). Neste sentido, o *coping* diádico dos homens, em particular as formas negativas estão significativamente mais associadas com a qualidade conjugal de ambos os parceiros do que o das mulheres e, só o *coping* diádico de apoio das esposas se demonstra relacionado com a sua própria qualidade conjugal (Kardatzke, 2009).

## Síntese

A escolha por uma vida em conjunto revela a importância do casamento/união de facto na vida do indivíduo.

As crises e o *stress* podem influenciar toda a família e inviabilizar o funcionamento do sistema familiar, pela afectação em cascata de todos os membros e das relações entre eles (Werner, 1993, Walsh, 2002).

O nível crescente de *stress* nas relações conjugais aumenta a probabilidade de tensão e conflito conjugal e tem impacto na satisfação corroendo-a muitas vezes de forma lenta e sem a consciência dos parceiros. Os pesquisadores têm demonstrado a importância do apoio entre os elementos da díade que, assume particular importância na satisfação conjugal.

Eventos ou situações que, directa ou indirectamente, afectam os cônjuges, exige igualmente respostas de ambos os cônjuges (Bodenmann, 2005). Assim o *coping* diádico é um importante preditor da satisfação conjugal porque: 1) o *stress* afecta a satisfação conjugal directa e indirectamente; 2) o impacto do *stress* sobre a interacção conjugal pode ser moderada por estratégias adequadas de *coping*; 3) casais felizes recorrem mais espontaneamente a estratégias de *coping* diádico positivo do que os casais infelizes; 4) a ausência de *coping* diádico positivo é um importante preditor de divórcio; e 5) os casais infelizes têm menos probabilidade que os casais felizes em responder uns aos outros com sinais emocionais em momentos *stressantes* (Bodenmann, 2005).

Embora não seja objecto de análise no presente estudo consideramos importante considerar o conceito de resiliência<sup>8</sup> pois, permite que a família, e neste caso específico, a díade conjugal tenha recursos para fazer face ao *stress*. Num contexto de crise e *stress*,

---

<sup>8</sup> Entendemos resiliência como “*processo dinâmico que envolve a adaptação positiva a um contexto com significativa adversidade*” (Lutar, Cicchetti & Becker, 2000, p. 543).



estes recursos podem representar elementos chave na protecção da satisfação e sucesso conjugal (Vedes, Lind & Lourenço, 2011).

Walsh (1996 cit. por Lopes 2007) considera que a resiliência é uma ferramenta que pode conduzir à identificação de competências que permitem superar crises familiares. Assim sendo a resiliência é vista como um jogo entre risco e adaptação, que se desenrola ao longo do tempo e exige a participação individual, familiar e sociocultural (Werner, 1993, Walsh, 2002).

As estratégias de *coping*, sejam individuais ou diádicas, que o casal utiliza para fazer face aos *stressores*, habilita-os a enfrentar barreiras, a lidar melhor com a crise e contribui para o aumento da resiliência conjugal. A vivência de uma conjugalidade satisfatória representa uma forma de protecção face ao *stress* do dia-a-dia e tem naturalmente consequências ao nível da resiliência individual e familiar. Assim as díades resilientes apresentam recursos e capacidades que lhes permitem enfrentar melhor os desafios e crescer com essas experiências.

## 2. Método

### 2.1. Questão Inicial

A presente investigação foi desenvolvida a partir da seguinte questão:

*De que forma a Satisfação Conjugal se relaciona com o Coping Diádico (percepções globais e intra-casal) e com algumas variáveis sociodemográficas como: a escolaridade, o estatuto ocupacional, a zona do país, a área de residência e a situação relacional?*

### 2.2. Mapa Conceptual das Variáveis em Investigação

Pretendemos fornecer uma representação gráfica das principais variáveis em estudo e das relações que nos propomos estudar.

Como se pode observar no mapa conceptual (Figura 1), vamos estudar as variáveis ao nível dos maridos e esposas separadamente e posteriormente ao nível do casal. O gráfico rectangular ao centro representa as diferentes variáveis. Assim, pretendemos estudar a *Satisfação Conjugal* e a forma como se relaciona com o *Coping Diádico Global* e cada uma das suas subescalas. Da mesma forma, pretendemos compreender se existem diferenças face às variáveis quando consideramos as variáveis sociodemográficas *sexo*, *escolaridade*, *estatuto ocupacional*, *zona do país*, *área de residência* e *situação relacional*.

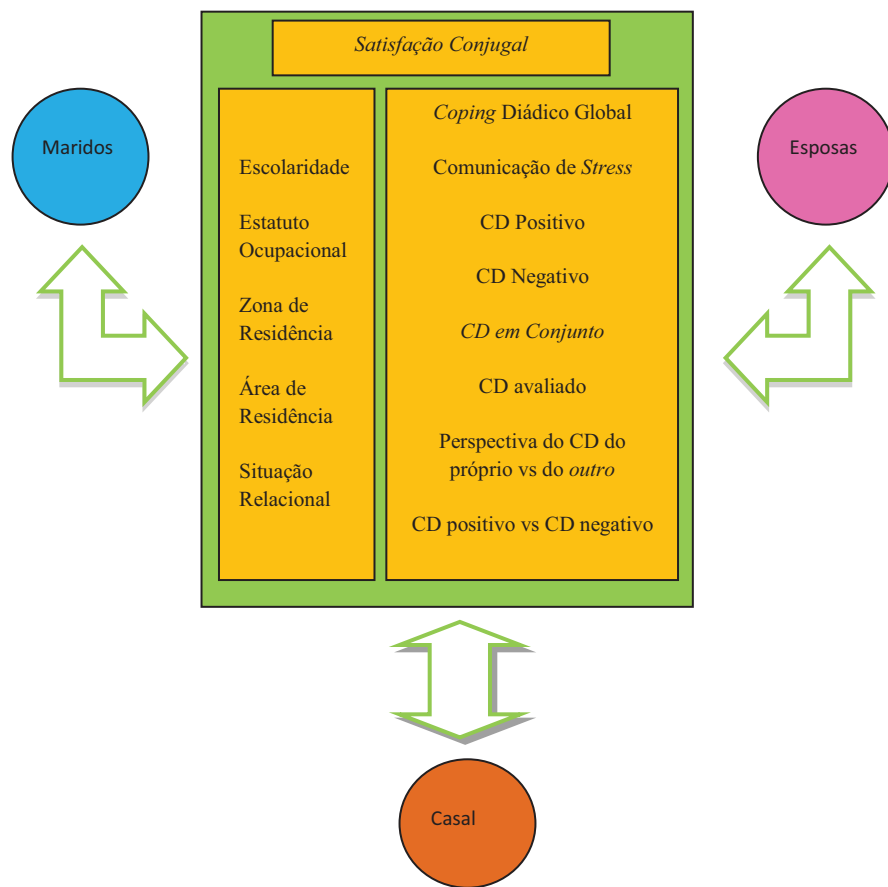


Figura 1: Mapa conceitual das variáveis em estudo

### 2.3. Objectivos Gerais e Específicos

De um modo geral, pretende-se investigar, em casais, como a *Satisfação Conjugal* (SC) se relaciona com o *Coping Diádico* (CD) e se existem diferenças face a algumas variáveis sociodemográficas, nomeadamente: o *sexo*, a *escolaridade*, o *estatuto ocupacional*, a *zona e área do país de residência* e a *situação relacional*.

Especificamente pretendemos analisar:

1. A relação entre SC e CD Global, ao nível global e intra-casal.
2. A relação entre SC e as subescalas de CD (*comunicação de stress*, *CD positivo*, *CD negativo*, *CD em Conjunto*) e as medidas agregadas de CD (*CD avaliado*, *Perspectiva do CD do Próprio vs do Outro* e *CD Positivo vs CD Negativo*), ao nível global e intra-casal.
3. A existência de diferenças face às variáveis em estudo por *sexo*, nível de *escolaridade*, *estatuto ocupacional*, *zona do país*, *área de residência* e *situação relacional*.

4. A existência de consonância intra-casal face às variáveis referidas nos pontos 1 e 2.
5. Os componentes do CD que mais contribuem para explicar a SC Global, a SC das Esposas e a SC dos Maridos.

#### 2.4. Questões de Investigação

As questões de investigação a que se pretendem responder neste estudo são:

1. Existe uma relação significativa entre *SC*, *CD Global* e os seus componentes (*Comunicação de Stress*, *CD Positivo*, *CD Negativo*, *CD em Conjunto*) e entre as medidas agregadas (*Perspectiva do Próprio vs do Outro*, *CD Positivo vs CD Negativo*, *CD Avaliado*), ao nível global e ao nível intra-casal?
2. Existe convergência face a *SC*, o *CD Global* e os seus componentes entre os cônjuges?
3. Existem diferenças significativas quanto à *SC* quando consideramos as variáveis: *sexo*, *escolaridade*, *estatuto ocupacional*, *zona do país de residência*, *área de residência e situação relacional*?
4. Existem diferenças significativas quanto ao *CD Global* e os seus componentes quando consideramos as variáveis: *sexo*, *escolaridade*, *estatuto ocupacional*, *zona do país de residência*, *área de residência e situação relacional*?
5. Quais os componentes do *CD* que mais contribuem para a *SC Global*, *SC das Esposas* e *SC dos Maridos*?

#### 2.5. Estratégia Metodológica

##### 2.5.1. Selecção e Caracterização da Amostra

Para a selecção da amostra estabelecemos como critérios de inclusão ter mais de 18 anos, residir em Portugal continental ou ilhas e casais (casados ou em união de facto) que coabitem juntos<sup>9</sup>.

Recorremos à técnica de amostragem que é habitualmente referida na literatura como métodos de amostragem “não-probabilísticas”, “dirigidas” ou “não-casual” (Hill & Hill, 2002, p. 46-51). Especificamente, utilizámos a “amostragem de conveniência”, que consiste em aceder ao recurso disponível de sujeitos (neste caso os casais) que

---

<sup>9</sup> Ser casado não é critério de inclusão na amostra porque em Portugal, muitos casais tem relacionamentos de longa duração sem serem oficialmente casados.

preenchem os critérios de inclusão das amostras e que se dispõem a participar voluntariamente na investigação.

Para o presente estudo foram recolhidos 72 casais heterossexuais ( $N = 144$ ), 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino. A média de idades dos cônjuges masculinos é 44.44 anos ( $DP = 15.25$ ) e dos cônjuges femininos é 41.93 ( $DP = 14.22$ ). Relativamente à situação relacional, 75.7% da amostra é casada e 24.3% vive em regime de união de facto. O tempo médio de casamento é 19.58 ( $DP = 15.87$ ) e de união de facto é de 5.67 ( $DP = 6.44$ ).

42,4% dos indivíduos possui habilitações ao nível do ensino superior, seguindo-se o nível de 12º ano ou equivalente (25.7%). A grande maioria é de origem Europeia (95.1%) e 63.9% reside na Grande Lisboa, seguindo a zona do Centro (18.1%). 75% dos indivíduos encontra-se a trabalhar e 36.1% auferem entre 500€ e 999€.

Quanto ao número de filhos, 71.5% tem filhos, sendo que o filho mais velho tem uma idade média de 20.2 anos ( $DP = 15.0$ ). Os casais com 2 filhos representam 35.4% da amostra, seguindo-se 24.3% que têm apenas um filho. 77.8% nunca teve acompanhamento psicológico e 49.3% considera-se moderadamente religioso sendo a religião católica a mais representada (79.9%).

Para uma consulta detalhada das características da amostra consultar apêndice I.

## 2.5.2. Operacionalização das Variáveis em Estudo

### *Satisfação Conjugal*

Por *Satisfação Conjugal* (SC), tal como já foi referido no ponto 1.1.2., entende-se a “*avaliação subjectiva de cada pessoa em relação ao que sente sobre a sua relação, num dado momento*” (Hendrick, Dicke & Hendrick, 1998, p.137).

### *Coping Diádico*

Considera-se o *Coping Diádico* (CD) tal como é entendido por Bodenmann (2005), ou seja, como o processo de *coping* interpessoal, que envolve ambos os membros do casal onde, perante a manifestação de *stress* de um dos membros, o outro pode responder de diferentes formas mais ou menos positivas. Os componentes de CD foram descritos no ponto 1.3.2.1.

### 2.5.3. Instrumentos Utilizados

#### 2.5.3.1. Questionário Geral sobre Dados Sociodemográficos

Os dados relativos às variáveis sociodemográficas foram recolhidos através de um *questionário de dados sociodemográficos*<sup>10</sup>. As variáveis que serão usadas neste estudo foram medidas da seguinte forma:

- *Escolaridade* – Menos que o 9º ano; 9º ano ou equivalente; 12º ano ou equivalente; Ensino Superior; Mestrado/Doutoramento;
- *Estatuto ocupacional* – Activo(a); Estudante; Doméstico(a); Reformado(a); Desempregado(a);
- *Zona do país de residência* – Norte; Centro; Grande Lisboa; Algarve; Alentejo; Arquip. dos Açores; ou Arquip. da Madeira;
- *Área de residência* – Urbana; Suburbana;
- *Situação Relacional* – Casamento; União de facto.

#### 2.5.3.2. Escala de Avaliação Relacional (EAR)

Para avaliar a SC foi usada a *Escala de Avaliação Relacional* (No original: *Relationship Assessment Scale* - RAS de Hendrick (1988) e Hendrick, Dricke e Hendrick (1998). Versão Portuguesa de Santos (et al., 2000); revista por Lind (2008). É uma escala de auto-relato que, com base em sete itens de 5 pontos, mede uma única dimensão - a *Satisfação Conjugal*.

Cada item é avaliado numa escala que varia entre maior satisfação e menor satisfação, consoante o conteúdo dos itens. Os itens 4 e 7 são invertidos.

A RAS constitui uma versão do MAQ (*Marital Assessment Questionnaire*) onde foram substituídas as palavras “casamento” por “relacionamento” e “cônjuge” por “parceiro” de forma a ser possível avaliar as relações amorosas não matrimoniais (Hendrick, Dricke & Hendrick, 1998). Foram também adicionados dois itens aos 5 iniciais do MAQ.

Os estudos psicométricos da RAS, realizados numa amostra de 125 estudantes universitários que mantinham relações amorosas e numa amostra de 57 pares de namorados, indicaram uma elevada fiabilidade com valores de  $\alpha$  de Cronbach de .86 (Hendrick, 1988).

---

<sup>10</sup> Este questionário faz parte de um questionário mais abrangente intitulado *Questionário de Dados Sociodemográficos e de Indicadores de Risco Estático para o Sucesso Conjugal*, criado no âmbito do projecto de doutoramento de Ana Vedes Pacheco.

Na versão portuguesa de Santos et al. (2000), a RAS foi aplicada a uma amostra de 80 mulheres que mantinham uma relação amorosa heterossexual. A média das respostas foi de 4.25 (DP = 0.54), o que corresponde a elevados níveis de satisfação e a consistência interna foi equivalente ao estudo original ( $\alpha$  de Cronbach .86).

Hendrick, Dicke e Hendrick (1998), sugerem que valores superiores a 4.0 possam ser indicadores de parceiros satisfeitos, enquanto valores de médias de respostas que rondam, para os homens, 3.5 e, para as mulheres, 3.0 até 3.5, são já, provavelmente, índices de uma maior perturbação na relação e, possivelmente, uma considerável insatisfação na relação.

Além dos bons indicadores de precisão e validade, a RAS tem ainda como vantagem o facto de ser de tamanho reduzido e de fácil aplicação.

Já na revisão realizada por Lind (2008), foram alterados dois itens relativamente à tradução de Santos (et al., 2000) (O item 4 “Com que frequência deseja não se ter envolvido na presente relação?” mudou-se para “Com que frequência deseja não se ter envolvido nesta relação?” e o item 7 “Qual a quantidade de problemas que existem na sua relação?” foi mudado para “Quantos problemas existem na sua relação?”).

No seu estudo, Lind (2008) obteve  $\alpha$  de Cronbach .93 para mulheres e .91 para homens. A análise factorial realizada confirmou uma estrutura unifactorial da RAS para a satisfação relacional em relação a ambos os sexos.

#### 2.5.3.3. Inventário de *Coping* Diádico (ICD)

O ICD é um instrumento de auto-relato composto por 37 itens de resposta fechada medidos numa escala de *Likert* de 5 pontos (exemplo de item - “O meu companheiro(a) culpa-me por não lidar suficientemente bem com o *stress*”). Este inventário - no original: *Dyadic Coping Inventory* – foi criado por Guy Bodenmann (2007). A adaptação e validação portuguesa foi realizada por Vedes, Lind e Ferreira (2011a). Estes autores, numa amostra portuguesa de 681 indivíduos (441 mulheres e 216 homens) que viviam em união de facto ou estavam casados, encontraram uma estrutura que confirma em parte a do instrumento original. Fazendo as análises exploratórias através de uma Análise em Componentes Principais e considerando *eigenvalues* acima de 1 (critério de *Kaiser-Guttman*) para cada domínio em separado tal como os autores originais sugerem (Bodenmann, 2007; Lederman, Bodenmann, Gagliardi, Charvoz, Verardi, Rossierm, Bertoni & Lafrate, 2010), para os domínios do

*CD pelo Próprio* e do *CD pelo Parceiro* extraíram-se para cada um, 3 factores: *Comunicação do Stress*, *CD Positivo*, e *CD Negativo*; e para o domínio do *CD em Conjunto* apenas se extraiu um factor.

Na estrutura original, o *CD Positivo*, quer pelo próprio quer pelo parceiro, aparece com dois factores relativos aos *CD Delegado* e ao *CD Apoiente*. E o *CD em Conjunto* na estrutura original de 2006, aparece com 2 factores: *CD em Conjunto focado no problema* e *CD em Conjunto focado na emoção* (ver Bodenmann, 2007).

Deste modo, na estrutura portuguesa os 3 factores relativos ao *CD pelo Próprio* explicam para as mulheres 57.5 % da variância e para os homens 57.15 %. Os 3 factores relativos ao *CD pelo Parceiro*, nas mulheres explicam 66.62% e nos homens 63.67%. O domínio do *CD em Conjunto* apresenta uma estrutura unifactorial que explica nos homens 60.77% e nas mulheres 64.64 % da variância.

A versão portuguesa apresenta índices entre bons a excelentes de consistência interna quer para a escala total ( $\alpha$  de Cronbach = .92 para as mulheres, e  $\alpha$  de Cronbach = .91 para os homens), quer para os seus factores ( $\alpha$  de Cronbach entre .65 e .97; consultar Vedes, Lind e Ferreira, 2011a).

O ICD apresenta também bons índices de elevada validade convergente, quer com a *Escala de Avaliação Relacional* - de Hendrick (1988) e Hendrick, Dicke e Hendrick (1998); versão portuguesa de Santos (et al., 2000); revista por Lind (2008) - (correlação de Spearman significativa ao nível de  $p < .01$  entre o *CD Global* e a *Satisfação Conjugal* de  $r_s = .764$ ), quer com a *Versão Breve dos Questionários sobre uma Relação Saudável* (de Gottman & Gottman, 2006; adaptação e validação portuguesa realizada por Vedes, Lind e Ferreira (2011b)). Esta escala avalia os processos construtivos e destrutivos relativos aos domínios da *Intimidade* e dos *Conflitos* conjugais. As correlações entre o *CD Global* e os processos destrutivos de *Intimidade* são de  $r_s = -.563$ , e dos *Conflitos* de  $r_s = -.537$ . Face aos processos construtivos de *Intimidade* a correlação é de  $r_s = .704$ , e face aos processos construtivos dos *Conflitos* a correlação é de  $r_s = .728$ . Todas as correlações são significativas ao um nível de  $p < .01$  (consultar, Vedes, Lind & Ferreira, 2011b).

#### 2.5.4. Procedimento de Recolha e Tratamento de Dados

De forma a recolher a nossa amostra de casais recorreremos à divulgação da investigação por *e-mail* e pelo *facebook*. Pedimos que, caso as pessoas não



correspondessem aos critérios de inclusão, que reencaminhassem para outros contactos que pudessem participar (método “bola de neve”).

A cada questionário foi adicionada uma folha relativa ao consentimento informado, onde constavam os objectivos gerais da investigação, a garantia de se preservar o anonimato e a confidencialidade e as instruções gerais para o preenchimento (ver Anexo I).

Os questionários poderiam ser respondidos *on-line* ou em papel. No caso de papel, a cada cônjuge era entregue um envelope com os questionários. No fim do preenchimento, pedimos aos cônjuges para colocarem os questionários no envelope, selando-o.

Os dados recolhidos tanto em papel como *on-line* foram transcritos para uma base de dados e analisados com o programa *SPSS 18.0* para *Windows* e os casais foram emparelhados com base nas datas de nascimento do próprio e do parceiro indicadas.

### 3. Análise de Dados

Começámos por verificar os *missing values* presentes na base de dados. Face às escalas RAS e ICD, e uma vez que os *missing values* eram muito poucos ( $\leq 5$ ) optámos por substituí-los pelas medianas. No que respeita às variáveis *escolaridade*, *estatuto ocupacional*, *zona de residência e situação relacional*, substituímos os valores em falta, pela mediana no caso da *escolaridade*, e pelas modas nas outras variáveis. Devido ao elevado número de *missing values* na variável *área de residência* (cerca de 33), optámos por não os substituir e, por não haver amostra suficiente na categoria “rural”, apenas analisámos as categorias “urbana” e “suburbana”. No caso das zonas de residência agrupamos os valores relativos ao “Alentejo” e “Algarve” numa nova categoria que denominámos por “Sul” e não analisámos os arquipélagos da Madeira e dos Açores por falta de ocorrências nestas categorias.

Antes de procedermos à análise de resultados, criámos novas variáveis, relativas à *Satisfação Conjugal* e às subescalas do CD. Assim criámos as variáveis: *Média da Satisfação Conjugal*, *CD Global*, *Comunicação de Stress pelo Próprio*, *Comunicação de Stress pelo Outro*, *CD Negativo Próprio*, *CD Negativo Outro*, *CD Positivo Próprio*, *CD Positivo Outro* e *CD em Conjunto*. Criámos ainda as variáveis agregadas *Perspectiva de CD do Próprio vs do Outro* (i.e., *Média do valor total de CD pelo Próprio - Média do valor total de CD pelo Outro*), *CD Positivo vs CD Negativo* (i.e.,



*Média do valor total de CD positivo - Média do valor total de CD negativo) e CD Avaliado* (média dos dois últimos itens do ICD).

Para podermos proceder à análise intra-casal, organizámos a base de dados atribuindo um número a cada casal e dentro deste, um número a cada elemento. Desta forma foi possível, além da análise global dos dados, explorar as percepções da díade conjugal. Assim, foram criadas as variáveis supra-mencionadas mas relativas aos maridos e às esposas.

#### 4. Apresentação de Resultados

##### 4.1. Resultados Globais

Os resultados estatísticos descritivos relativos às variáveis *Média da Satisfação Conjugal*, *CD Global*, *Comunicação de Stress pelo Próprio*, *Comunicação de Stress pelo Outro*, *CD Negativo Próprio*, *CD Negativo Outro*, *CD Positivo Próprio*, *CD Positivo Outro*, *CD em Conjunto*, assim como *CD Avaliado*, *Perspectiva de CD do Próprio vs do Outro* e *CD Positivo vs. Negativo* são apresentados na tabela 1.

Tabela 1. Médias e Desvios Padrão das Variáveis em Estudo

Variáveis	Média	Desvio Padrão
Média da Satisfação Conjugal	4.19	0.657
CD Global	3.73	0.527
Comunicação de Stress pelo Próprio	3.73	0.749
Comunicação de Stress pelo Outro	3.42	0.869
CD Negativo Próprio	2.00	0.809
CD Negativo Outro	2.00	0.692
CD Positivo Próprio	3.74	0.590
CD Positivo Outro	3.59	0.619
CD em Conjunto	3.43	0.743
CD Avaliado	3.87	0.916
Perspectiva do CD do Próprio vs. do Outro	0.11	0.453
CD Positivo vs. Negativo	1.62	1.053

Os resultados mostram, de um modo geral, que os participantes percebem de modo positivo a *Satisfação Conjugal*, o *CD Global* e os seus componentes.

Na tabela 2, encontram-se as estatísticas descritivas para as subescalas de CD e para a SC para maridos e esposas.

Tabela 2. Média e Desvios Padrão das Variáveis em Estudo para Maridos e Esposas

Variáveis		Média	Desvio Padrão
Média da Satisfação Conjugal	Maridos	4.26	0.545
	Esposas	4.12	0.750
CD Global	Maridos	3.74	0.511
	Esposas	3.72	0.546
Comunicação de Stress pelo Próprio	Maridos	3.59	0.705
	Esposas	3.86	0.772
Comunicação de Stress pelo Outro	Maridos	3.55	0.725
	Esposas	3.29	0.979
CD Negativo Próprio	Maridos	1.99	0.807
	Esposas	2.00	0.817
CD Negativo Outro	Maridos	1.92	0.669
	Esposas	2.07	0.711
CD Positivo Próprio	Maridos	3.67	0.597
	Esposas	3.80	0.580
CD Positivo Outro	Maridos	3.66	0.555
	Esposas	3.52	0.674
CD em Conjunto	Maridos	3.43	0.689
	Esposas	3.43	0.799
CD Avaliado	Maridos	3.89	0.888
	Esposas	3.87	0.949
Perspectiva do CD do Próprio vs do Outro	Maridos	-0.02	0.389
	Esposas	0.23	0.478
CD Positivo vs. Negativo	Maridos	1.67	1.043
	Esposas	1.58	1.067

Tal como sugerem Hendrick, Dicke e Hendrick (1998), valores superiores a 4.0 podem ser indicadores de parceiros satisfeitos. Assim, na nossa amostra, tanto esposas como maridos, revelam estar satisfeitos com a sua relação.

Também as médias relativas ao CD Global e subescalas de CD indicam que, ambos os cônjuges percebem de forma positivas as suas estratégias de *coping*.

#### 4.2. Verificação dos Pressupostos para a Realização de Testes Paramétricos

A normalidade da distribuição foi testada através do teste *Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk*, que revelou que algumas variáveis tinham uma distribuição normal e outras não. Da mesma forma, o teste de *Levene* demonstrou a existência de homogeneidade de variâncias para alguns grupos e outros não, pelo que optámos pela realização de testes não paramétricos.

### 4.3. Análise de Correlações

De forma a compreender as relações entre variáveis, procedemos à elaboração de correlações de *Spearman* entre as variáveis em estudo. Apresentam-se seguidamente as correlações globais e posteriormente as análises intra-casal.

#### 4.3.1. Análises Globais

Verificou-se uma correlação moderada e significativa entre o *CD Global* e a *Média da Satisfação Conjugal* ( $r_s = .548, p < .01$ ).

Analisando a tabela 3<sup>11</sup>, verifica-se uma correlação moderada positiva entre a *Média da Satisfação Conjugal* e o *CD Positivo do Outro* e ainda com o *CD em Conjunto*. Já com o *CD Negativo do Outro*, a correlação encontrada é moderada e negativa.

Os resultados apresentados revelam correlações mais fortes nos domínios do outro à excepção do domínio de *Comunicação de Stress*. Isto pode revelar a uma maior importância do CD tanto positivo como negativo do outro, assim como do *CD em Conjunto*, na *Satisfação Conjugal* e sugerem uma área importante a ter em conta quer nos programas de prevenção, quer na intervenção clínica.

Tabela 3. Correlações entre a *Média da Satisfação Conjugal* e Subescalas do *Coping Diádico*

	Comunicação de Stress pelo Próprio	Comunicação de Stress pelo Outro	CD Negativo Próprio	CD Negativo Outro	CD Positivo Próprio	CD Positivo Outro	CD em Conjunto
Média da Satisfação Conjugal	.209*	.335**	-.368**	<b>-.500**</b>	.379**	<b>.491**</b>	<b>.514**</b>

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$

Conforme se pode observar na tabela 4, o *CD Global* correlaciona-se fortemente e positivamente com o *CD Positivo do Próprio*, o *CD Positivo do Outro* e ainda com o *CD em Conjunto*. Também se verificou uma correlação moderada e negativa com o *CD Negativo do Próprio* e o *CD Negativo do Outro*.

<sup>11</sup> Com intuito de facilitar a análise dos resultados optámos por colocar a negrito os valores mais elevados.

Tabela 4. Correlações entre o *Coping Diádico Global* e as Subescalas do *Coping Diádico*

	Comunicação de Stress pelo Próprio	Comunicação de Stress pelo Outro	CD Negativo do Próprio	CD Negativo do Outro	CD Positivo do Próprio	CD Positivo do Outro	CD em Conjunto
CD Global	.698**	.666**	-.655**	-.574**	.855**	.874**	.728**

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$

Analisando a tabela 5, podemos constatar que se encontrou uma correlação forte e positiva entre a *Comunicação de Stress pelo Próprio* e o *CD Positivo do Próprio* e entre a *Comunicação de Stress pelo Outro* e o *CD Positivo do Outro*. Da mesma forma se podem observar correlações negativas moderadas entre *CD Negativo do Próprio* e *CD Positivo do Próprio*, *CD Negativo do Próprio* e *CD Positivo do Outro*, *CD Negativo do Outro* e o *CD Positivo do Outro* e *Comunicação de Stress pelo Outro* e *CD em Conjunto*.

Tabela 5. Correlações entre as Subescalas do *Coping Diádico*

	Comunicação de Stress pelo Outro	CD Negativo Próprio	CD Negativo Outro	CD Positivo Próprio	CD Positivo Outro	CD em Conjunto
Comunicação de Stress pelo Próprio	.454**	-.304**	-.139	.776**	.597**	.428**
Comunicação de Stress pelo Outro		-.241	-.308**	.638**	.736**	.502**
CD Negativo Próprio			.501**	-.502**	-.422**	-.326**
CD Negativo Outro				-.287**	-.500**	-.270**
CD Positivo Próprio					.671**	.592**
CD Positivo Outro						.567**

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$

#### 4.3.2. Análises Intra-Casal

A *Média da Satisfação Conjugal das Esposas* correlaciona-se moderadamente e positivamente com a *Média da Satisfação Conjugal dos Maridos* ( $r_s = .441, p = .01$ )

Como se pode verificar na tabela 6, encontrou-se uma correlação moderada e positiva entre a *Média da Satisfação Conjugal das Esposas* e o *CD Global*, tanto das esposas como dos maridos. Por outro lado, a *Média da Satisfação Conjugal dos Maridos* também se correlaciona moderada e positivamente com o *CD Global dos Maridos* mas com o *CD Global das Esposas* a correlação é fraca e positiva.

Tabela 6. Correlações Intra-Casal entre a *Média da Satisfação Conjugal* e o *Coping Diádico Global*

	CD Global E	CD Global M
Média Satisfação Conjugal E	.477**	.468**
Média Satisfação Conjugal M	.339**	.630**

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$

Como a Tabela 7 indica, a *Média da Satisfação Conjugal dos Maridos* correlaciona-se moderada e positivamente com o *CD Positivo Próprio dos Maridos*, com *CD Positivo do Outro dos Maridos* e o *CD em Conjunto dos Maridos*. Por outro lado, correlaciona-se moderada e negativamente com o *CD Negativo Próprio dos Maridos* e *CD Negativo do Outro dos Maridos*.

Já a *Média da Satisfação Conjugal das Esposas* correlaciona-se moderada e positivamente com o *CD Positivo Próprio dos Maridos* e moderada e negativamente com o *CD Negativo Próprio dos Maridos* e *CD Negativo do Outro dos Maridos*.

Tabela 7. Correlações entre a *Média da Satisfação Conjugal* Intra-Casal e as Subescalas de *Coping Diádico dos Maridos*

	Comunicação de <i>Stress</i> pelo Próprio M	Comunicação de <i>Stress</i> pelo Outro M	CD Negativo Próprio M	CD Negativo Outro M	CD Positivo Próprio M	CD Positivo Outro M	CD em Conjunto M
Média Satisfação Conjugal M	.283*	.344**	-.446**	-.493**	.462**	.579**	.498**
Média Satisfação Conjugal E	.344**	.315**	-.400**	-.424**	.422**	.378**	.396**

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$

A tabela 8 revela a existência de uma correlação fraca e positiva entre a *Média da Satisfação Conjugal dos Maridos* e o *CD Positivo do Próprio das Esposas*, o *CD Positivo do Outro das Esposas* e o *CD em Conjunto das Esposas*. Com o *CD negativo do próprio das Esposas* e o *CD Negativo do Outro das Esposas*, a correlação é fraca e negativa.

A *Média da Satisfação Conjugal das Esposas* apresenta uma correlação moderada e positiva com o *CD Positivo do Outro das Esposas* e o *CD em Conjunto das esposas*. Já com o *CD Negativo do Outro das Esposas* a correlação é moderada e negativa.

O *CD Global* das esposas correlaciona-se moderada e positivamente com o *CD Global* dos maridos ( $r_s = .618$ ;  $p = .01$ ).

Tabela 8. Correlações entre a *Média da Satisfação Conjugal* Intra-Casal e as Subescalas de *Coping* Diádico das Esposas

	Comunicação de Stress pelo Próprio E	Comunicação de Stress pelo Outro E	CD Negativo Próprio E	CD Negativo Outro E	CD Positivo Próprio E	CD Positivo Outro E	CD em Conjunto E
Média Satisfação Conjugal M	.180	.225	<b>-.344**</b>	-.320**	.241*	.299*	.324**
Média Satisfação Conjugal E	.174	<b>.323**</b>	-.292*	<b>-.514**</b>	.325**	.408**	<b>.540**</b>

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$

Na tabela 9, podemos encontrar uma correlação forte e positiva entre o *CD Global dos Maridos* e a *Comunicação de Stress pelo Outro dos Maridos*, o *CD Positivo do Próprio dos Maridos* e o *CD Positivo do Outro dos Maridos*. Entre o *CD Global dos Maridos* e o *CD Negativo Próprio dos Maridos* a correlação é forte e negativa.

O *CD Global das Esposas* correlaciona-se moderada e positivamente com *Comunicação de Stress pelo Próprio dos Maridos*, a *Comunicação de Stress pelo Outro dos Maridos*, *CD Positivo Próprio dos Maridos* e *CD Positivo do Outro dos Maridos*. Correlaciona-se moderada e negativamente com o *CD Negativo Próprio dos Maridos*.

Tabela 9. Correlações entre o *Coping Diádico* Global Intra-Casal e as Subescalas de *Coping Diádico dos Maridos*

	Comunicação de <i>Stress</i> pelo Próprio M	Comunicação de <i>Stress</i> pelo Outro M	CD Negativo Próprio M	CD Negativo Outro M	CD Positivo Próprio M	CD Positivo Outro M	CD em Conjunto M
CD Global M	.621**	<b>.743**</b>	<b>-.735**</b>	-.627**	<b>.842**</b>	<b>.883**</b>	.689**
CD Global E	.540**	.479**	-.530**	-.299**	<b>.538**</b>	<b>.577**</b>	.320**

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$

Podemos encontrar, na tabela 10, uma correlação moderada e positiva entre *CD Global dos Maridos* e *Comunicação de Stress pelo Próprio* das esposas, o *CD Positivo Próprio das Esposas*, o *CD Positivo do Outro das Esposas* e o *CD em Conjunto das Esposas*. Com o *CD Negativo Próprio das Esposas*, a correlação encontrada é moderada e negativa.

O *CD Global das Esposas* correlaciona-se forte e positivamente com a *Comunicação de Stress pelo Próprio das esposas*, o *CD Positivo Próprio das Esposas*, o *CD Positivo do Outro das Esposas* e o *CD em Conjunto das Esposas*. Entre o *CD Global das Esposas* e o *CD Negativo Próprio das Esposas* e o *CD Negativo do Outro das Esposas*, a correlação encontrada é moderada e negativa.

Tabela 10. Correlações entre o *Coping Diádico* Global Intra-Casal e as Subescalas de *Coping Diádico das Esposas*

	Comunicação de <i>Stress</i> pelo Próprio E	Comunicação de <i>Stress</i> pelo Outro E	CD Negativo Próprio E	CD Negativo Outro E	CD Positivo Próprio E	CD Positivo Outro E	CD em Conjunto E
CD Global M	.420**	.382**	<b>-.559**</b>	-.296*	<b>.580**</b>	<b>.512**</b>	.413**
CD Global E	<b>.738**</b>	.657**	-.578**	-.548**	<b>.867**</b>	<b>.871**</b>	<b>.759**</b>

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$

Como a Tabela 11 indica, as correlações encontradas entre subescalas são maioritariamente positivas e moderadas. Podem também encontrar-se correlações

moderadas e negativas e ainda correlações não significativas. Destacamos as correlações entre o *CD Negativo do Outro das Esposas* e as subescalas dos maridos que são quase todas negativas, assim como o *CD Negativo Próprio dos Maridos*, em relação às subescalas das esposas.

Tabela 11. Correlações Intra-Casal entre as Subescalas de *Coping Diádico*

	Comunicação de Stress pelo Próprio M	Comunicação de Stress pelo Outro M	CD Negativo Próprio M	CD Negativo Outro M	CD Positivo Próprio M	CD Positivo Outro M	CD em Conjunto M
Comunicação de Stress pelo Próprio E	.321**	.459**	-.289*	.459**	.331**	.440**	.223
Comunicação de Stress pelo Outro E	<b>.568**</b>	.304**	-.268*	-.102	.433**	.351**	.154
CD Negativo Próprio E	-.300*	-.424**	<b>.559**</b>	.306**	-.433**	-.534**	-.329**
CD Negativo Outro E	-.347**	-.147	-.347**	.216	-.269*	-.285*	-.194
CD Positivo Próprio E	.499**	.530**	-.493**	-.201	.488**	<b>.580**</b>	<b>.580**</b>
CD Positivo Outro E	.427**	.397**	-.439**	-.300*	.488**	.466**	.205
CD em Conjunto E	.348**	.268*	-.375**	-.237*	.326**	.319**	.317**

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$

Na análise da tabela 12, verificamos uma correlação moderada e positiva entre *Total de CD Positivo vs. Negativo das Esposas* e *Total de CD Positivo vs. Negativo dos Maridos*. As restantes correlações são fracas e positivas ou não significativas.

Tabela 12. Correlações Intra-Casal entre as Medidas Agregadas de *Coping Diádico*

	CD Avaliado M	Perspectiva do CD do Próprio vs. do Outro M	CD Positivo vs. CD Negativo M
CD Avaliado E	<b>.270*</b>	.076	<b>.358**</b>
Perspectiva do CD do Próprio vs. do Outro E	-.060	-.020	-.042
CD Positivo vs. CD Negativo E	<b>.395**</b>	.153	<b>.605**</b>

Nota. \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$



#### 4.4. Análise de Regressões

Após a análise de correlações, considerámos que seria importante aprofundar a natureza dessas relações<sup>12</sup>, procurando compreender quais as variáveis do domínio do *Coping* Diádico que mais contribuem para explicar a *Satisfação Conjugal*, e particularmente a *Satisfação Conjugal das Esposas* e a *Satisfação Conjugal dos Maridos*. Assim, e dada a inexistência de estudos anteriores a partir dos quais nos pudéssemos basear para a escolha de quais seriam os melhores preditores, optámos por realizar regressões múltiplas *stepwise*<sup>13</sup> após a verificação dos pressupostos para a sua realização ter sido feita (ver Field, 2009).

Para a *Satisfação Conjugal Global* o modelo que mais variância explica pode ser observado na tabela 13.

Tabela 13. Síntese das Análises de Regressões Múltiplas *Stepwise* para as variáveis do *Coping Diádico* que predizem a *Satisfação Conjugal Global*

Variáveis	<i>B</i>	<i>SE B</i>	$\beta$
(Constant)	2.04	0.27	
CDPositivoOutro	0.65	0.12	.61*
CDemConjunto	0.35	0.08	.40*
ComunicaçãoStresspeloPróprio	-0.21	0.07	-.24**
ComunicaçãoStresspeloOutro	-0.18	0.07	-.23**

Nota:  $R^2=.41$  ( $p < .05$ ). \*  $p < 0.001$ , \*\*  $p < 0.01$ ,  $p < 0.05$

Os resultados obtidos, mostram que 41% da variabilidade total da *Satisfação Conjugal* é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de regressão, ou seja, pelo *CD Positivo pelo Outro*, pela percepção de *CD em Conjunto*, e pela percepção de *Comunicação de Stress pelo Próprio e pelo Outro*.

Estes resultados parecem indicar que resultados mais elevados de *CD Positivo do Outro* e o *CD em Conjunto* têm um efeito positivo na *Satisfação Conjugal Global*; resultados elevados de *Comunicação de Stress pelo Próprio* e de *Comunicação de Stress pelo Outro* têm um efeito negativo na *Satisfação Conjugal Global*. Estes resultados verificam-se se as outras variáveis se mantiverem constantes.

<sup>12</sup> Estas análises são apenas exploratórias e devem ser interpretadas com cuidado, uma vez que este estudo é de natureza correlacional, a nossa amostra é reduzida e não é representativa. Assim, nenhuma natureza causal se pode verdadeiramente inferir destes dados, nem se pode generalizar os resultados para a população.

<sup>13</sup> Ver apêndice II o output das regressões.

Tabela 14. Síntese das Análises de Regressões Múltiplas *Stepwise* para as variáveis do *Coping Diádico* que predizem a *Satisfação Conjugal das Esposas*

Variáveis	B	SE B	β
(Constant)	1.79	0.51	
CDemConjuntoE	0.65	0.12	.69*
CDPositivoOutroM	0.61	0.14	.46*
CDPositivoPróprioE	-0.56	0.18	-.44**

Nota:  $R^2 = .46$  ( $p < .05$ ). \*  $p < 0.001$ , \*\*  $p < 0.01$ ,  $p < 0.05$

Estes resultados indicam que 46% da variabilidade total da *Satisfação Conjugal das Esposas* é explicada pelas variáveis *CD em Conjunto das Esposas*, *CD Positivo do Outro dos Maridos* e *CD Positivo Próprio das esposas*.

Os valores obtidos parecem apontar que um *CD em Conjunto das Esposas* e *CD Positivo do Outro dos Maridos* têm um efeito positivo na *Satisfação Conjugal das Esposas*.

Valores mais elevados de *CD Positivo Próprio das Esposas* têm um efeito negativo na *Satisfação Conjugal das Esposas*.

Estes resultados verificam-se se as outras variáveis se mantiverem constantes.

Tabela 15. Síntese das Análises de Regressões Múltiplas *Stepwise* para as variáveis do *Coping Diádico* que predizem a *Satisfação Conjugal dos Maridos*

Variáveis	B	SE B	β
(Constant)	1.83	0.32	
CDPositivoOutroM	0.78	0.14	.79*
StressComunOutroM	-0.36	0.10	-.48**
CDemConjuntoM	0.25	0.08	.32**

Nota:  $R^2 = .52$  ( $p < .05$ ), \*  $p < 0.001$ , \*\*  $p < 0.01$ ,  $p < 0.05$

Os resultados apresentados indicam que 52% da variabilidade total da *Satisfação Conjugal dos Maridos* é explicada pelas variáveis *CD Positivo do Outro dos Maridos*, *Comunicação de Stress pelo Outro dos Maridos* e *CD em Conjunto dos Maridos*.

Assim, parece que maior *Comunicação de Stress pelo Outro dos Maridos* tem um efeito negativo na *Satisfação Conjugal dos Maridos*; e valores mais elevados de *CD Positivo do Outro dos Maridos* e *CD em Conjunto dos Maridos* têm um efeito positivo na sua *Satisfação Conjugal*.

#### 4.5. Análise de Diferenças

Para perceber se existe convergência entre os maridos e as esposas face à *Satisfação Conjugal*, o CD e as suas subescalas, realizámos testes de *Wilcoxon*.

Encontrámos diferenças significativas quanto:

- à *Comunicação de Stress pelo Próprio dos Maridos* e a *Comunicação de Stress pelo Próprio das Esposas* ( $Z = 1.255$ ,  $p = .012$ ), sendo que este é mais elevado nas esposas;

- à *Comunicação de Stress pelo Outro dos Maridos* e a *Comunicação de Stress pelo Outro das Esposas* ( $Z = 698.00$ ,  $p = .050$ ), sendo que este é mais elevado nos maridos;

- à *Comunicação de Stress pelo Próprio dos Maridos* e a *Comunicação de Stress pelo Outro das Esposas* ( $Z = 516.00$ ,  $p = .005$ ), sendo as percepções mais elevadas nos maridos. Portanto, os maridos percebem mais positivamente a forma como comunicam o seu próprio *stress* do que a forma como as suas esposas o percebem;

- à *Comunicação de Stress pelo Próprio das Esposas* e a *Comunicação de Stress pelo Outro dos Maridos* ( $Z = 514.00$ ,  $p = .002$ ), sendo que as percepções são mais elevadas nas esposas. Tal como maridos, as esposas também percebem mais positivamente a forma como comunicam o seu próprio *stress* do que a forma como os seus maridos o percebem;

- ao *CD Positivo do Próprio dos Maridos* e o *CD Positivo do Outro das Esposas* ( $Z = 902.00$ ,  $p = .021$ ), sendo que as percepções são mais elevadas nas esposas;

- ao *CD Positivo do Outro dos Maridos* e o *CD Positivo do Próprio das Esposas* ( $Z = 1.6780$ ,  $p = .022$ ), sendo que as percepções são mais elevadas nas esposas.

- à *Perspectiva do CD do Próprio vs. do Outro dos Maridos* e a *Perspectiva do CD do Próprio vs. do Outro de CD das Esposas* ( $Z = 1.820$ ,  $p = .001$ ), sendo que este rácio é mais elevado nas esposas.

Relativamente às restantes subescalas (*Média da Satisfação Conjugal*, *CD Global*, *CD Negativo*, *CD em Conjunto*, *CD Avaliado* e *CD Positivo vs CD Negativo*), não se encontraram diferenças significativas ao nível intra-casal.

Com o objectivo de compreender se existem diferenças quanto às variáveis *Média da Satisfação Conjugal*, *CD Global*, subescalas de CD e medidas agregadas, relativamente à variável *sexo*, realizámos testes de *Mann-Whitney*. Encontrámos uma

diferença significativa na *Perspectiva do CD do Próprio vs. do Outro*, sendo o valor deste rácio mais elevado nas esposas ( $Z = 3.435$ ;  $p = .001$ ).

Recorremos ao teste de *Kruskal-Wallis*<sup>14</sup> de forma a verificar se existem diferenças entre *Média da Satisfação Conjugal*, *CD Global*, subescalas de CD e medidas agregadas, relativamente à variável *escolaridade*. Assim verificam-se valores mais elevados no caso de indivíduos com o mestrado/doutoramento quanto ao *CD Global* ( $Z = 33.228$ ;  $p = .000$ ), à *Comunicação de Stress pelo Próprio* ( $Z = 16.712$ ;  $p = .002$ ), ao *CD Positivo do Próprio* ( $Z = 26.236$ ;  $p = .000$ ), ao *CD Positivo do Outro* ( $Z = 30.588$ ;  $p = .000$ ), à *Comunicação de Stress pelo Outro* ( $Z = 14.969$ ;  $p = .005$ ), ao *CD em Conjunto* ( $Z = 10.361$ ;  $p = .035$ ) e ao *CD Positivo vs CD Negativo* ( $Z = 29.823$ ;  $p = .000$ ).

Outra diferença encontrada diz respeito ao *CD Negativo do Próprio*, sendo mais elevado no caso de indivíduos com o 9º ano ou equivalente ( $Z = 14.609$ ;  $p = .006$ ).

No que respeita à variável *estatuto ocupacional*, usámos testes de *Kruskal-Wallis* e encontrámos valores sempre mais elevados no caso dos estudantes quanto ao *CD Global* ( $Z = 1.399$ ;  $p = .844$ ); à *Comunicação de Stress pelo Outro* ( $Z = 15.955$ ;  $p = .003$ ); ao *CD Positivo Próprio* ( $Z = 16.215$ ;  $p = .003$ ); ao *CD Positivo do Outro* ( $Z = 10.316$ ;  $p = .035$ ) e ao *Total de CD Positivo vs. Negativo* ( $Z = 9.621$ ;  $p = .047$ ).

Recorremos igualmente ao teste de *Kruskal-Wallis* para verificar a existência de diferenças entre as variáveis em estudo e a *zona geográfica de residência*. Encontrámos diferença em relação à *Média de Satisfação Conjugal*, sendo mais elevada na zona centro ( $Z = 10.718$ ;  $p = .013$ ).

Relativamente à variável *área de residência*, utilizámos o teste de Mann-Whitney e encontrámos valores sempre mais elevados na área urbana nas variáveis *CD Global* ( $Z = 671.500$ ;  $p = .039$ ); *Comunicação de Stress pelo Próprio* ( $Z = 573.500$ ;  $p = .005$ ); *Comunicação de Stress pelo Outro* ( $Z = 664.00$ ;  $p = .033$ ); *CD Positivo do Próprio*, ( $Z = 647.00$ ;  $p = .025$ ); *CD Positivo do Outro* ( $Z = 638.00$ ;  $p = .021$ ) e ainda no caso de *CD em Conjunto* ( $Z = 631.5$ ;  $p = .018$ ).

Relativamente à *situação relacional*, nenhuma diferença foi encontrada.

---

<sup>14</sup> Sempre que se verificaram diferenças significativas nos testes de *Kruskal-Wallis* foram posteriormente realizadas análises de comparações múltiplas.

## 5. Discussão

Antes de nos começarmos a debruçar sobre os resultados, importa relembrar a questão que conduziu o nosso estudo: *“De que forma a Satisfação Conjugal se relaciona com o Coping Diádico (percepções globais e intra-casal) e com algumas variáveis sociodemográficas como: a escolaridade, o estatuto ocupacional, a zona do país, a área de residência e a situação relacional?”*

Desta forma propusemo-nos a verificar 1) a relação entre a satisfação conjugal, o coping diádico e seus componentes, globalmente e intra-casal; 2) se existiam diferenças face às variáveis anteriores quando consideramos o sexo, a escolaridade, o estatuto ocupacional, a zona do país, a área de residência e a situação relacional; 3) a convergência versus divergência quanto à percepção de satisfação conjugal, coping diádico e seus componentes, ao nível intra-casal; e 4) quais as variáveis do CD que contribuem mais para explicar a SC Global, a SC das Esposas e dos Maridos.

Em primeiro lugar, é de notar que a nossa amostra é constituída sobretudo por casais satisfeitos com a sua relação pois avaliam-na de forma positiva (recordamos que a média da satisfação conjugal dos maridos é de 4.26 e a média da satisfação conjugal das esposas é de 4.12).

Passamos agora a analisar os resultados, de acordo com as questões de investigação a que se pretendem responder.

***Existe uma relação significativa entre SC, CD Global e os seus componentes (Comunicação de Stress, CD Positivo, CD Negativo, CD em Conjunto) e entre as medidas agregadas (Perspectiva do Próprio vs do Outro, CD Positivo vs CD Negativo e CD Avaliado), ao nível global e ao nível intra-casal?***

*Sobre a relação entre SC Global e CD Global.*

A literatura anterior já tinha demonstrado que o CD representa um factor importante para a satisfação com a relação e desta forma, na prevenção de divórcios (Dehle, Larsen & Landers, 2001; Bodenmann, 2000, Walen & Lachman, 2000, cit. por Bodenmann et al, 2006a; Bodenmann et al., 2006b). Neste estudo foi encontrada uma relação positiva e significativa entre estas variáveis que indica que, a maiores níveis de SC correspondem maiores níveis de CD.

Deste modo, na nossa amostra de casais portugueses, o *coping* diádico está associado a maior satisfação/qualidade conjugal. Assim, os comportamentos de apoio do parceiro e os comportamentos de suporte emocional e práticos realizados em conjunto, são importantes para um casamento (ou união de facto) satisfeito e de qualidade (Wunderer & Schneewind, 2008).

#### *Sobre a relação entre SC e CD Intra-Casal,*

Os primeiros estudos sobre esta temática concluíram que existem correlações significativas entre o apoio conjugal e a satisfação conjugal (Burke & Weir, 1975 cit. por Wunderer & Schneewind, 2008). Os resultados desta investigação surgem na mesma linha, revelando relações positivas e significativas entre a *Satisfação Conjugal das Esposas* e dos *Maridos* e o *CD Global* também de ambos os sexos. A relação mais elevada corresponde à *SC dos Maridos* e o *CD Global do Maridos*, o que poderá sugerir que a gestão de *stress*, nomeadamente a dois, poderá ser mais valorizada pelos maridos do que pelas esposas. Tal importância poderá ser explicada pelas normas sociais e poderá ser também um sinal de que estratégias de enriquecimento conjugal focadas no *stress* poderão atrair mais os homens, por eles as percepcionarem como mais úteis e pragmáticas. A correlação mais fraca diz respeito à relação entre a satisfação conjugal dos maridos e o apoio que sentem que recebem das suas esposas, o que é também coerente com o estudo de Acitelli e Badr (2005, cit. por Wunderer & Schneewind, 2008).

Embora os estudos mostrem uma relação positiva entre o *coping* diádico e a satisfação conjugal, parece existir uma maior associação destas variáveis para o sexo feminino do que para o sexo masculino (Goodman, 1999 cit. por Bodenmann et al, 2006a). Este resultado não se verifica no presente estudo, em que a relação entre a SCG e o CD dos maridos é quase duas vezes mais forte do que a mesma relação para as esposas. Ainda assim, os estudos indicam que *coping* diádico dos homens é um preditor mais forte da qualidade conjugal do que o das mulheres (Gottman et. al, 2003 cit. por Bodenmann, 2005; Patrick, Sells, Giordano e Tollerud (2007, cit. por Vedes, Narciso & Ferreira, 2010), resultado este apoiado nesta investigação, já que no caso dos maridos, 52% da variabilidade da Satisfação conjugal é explicada pelas variáveis de CD, enquanto que no caso das mulheres, apenas 46% da variabilidade é explicada por estas variáveis.

### *Sobre a relação entre SC Global e as Subescalas de CD*

As relações encontradas entre a SC e as subescalas de CD, isto é, correlação positiva com o CD positivo e correlação negativa com o CD negativo, sublinham também resultados já defendidos por outros autores. Bodenmann e colaboradores (2006a) que encontraram maiores níveis de satisfação conjugal associadas a formas mais positivas de CD e que as subescalas de CD negativo (do próprio e do parceiro) mostraram uma relação negativa com a qualidade conjugal. Esta conclusão vem reforçar a ideia de que, a satisfação conjugal está associada a formas mais adaptativas de *coping* diádico (Bodenmann, 2005).

Estes resultados estão igualmente de acordo com Bodenmann (2000, cit. por Ledermann et al, 2010), que verificou que uma alta pontuação nas subescalas de CD negativo indicavam uma baixa qualidade conjugal e, no mesmo sentido, os casais com relações estáveis e satisfeitas tinham pouca probabilidade de obter valores elevados nesta subescala. Assim, parece que o CD não só é importante para a satisfação conjugal, como também para a estabilidade e para o seu sucesso.

Ainda, a relação moderada e positiva encontrada entre SC e CD em conjunto e também a relação positiva e fraca encontrada entre a SC e a comunicação de *stress* apoiam estudos anteriores em que se encontrou uma correlação significativa e positiva entre estas variáveis (Bodenmann et al, 2006a). O CD depende da comunicação do *stress* por um dos parceiros e por isso, e especialmente este último resultado permite constatar que, a fracas competências de comunicação de *stress* coincidem com insatisfação no casamento e assim apoia a ideia já referida na literatura de que competências de comunicação diádicas são fundamentais nas relações (Karney & Bradbury, 1995).

Contudo, no nosso estudo surgiram alguns dados que não vão ao encontro da literatura supra mencionada. Assim, por um lado, no presente estudo a comunicação de *stress* pelas esposas não se correlaciona significativamente com a sua satisfação conjugal. Por outro lado, a comunicação de *stress* pelas esposas e a percepção que as esposas têm da comunicação de *stress* pelos seus maridos, também não se encontram correlacionados com a Satisfação Conjugal dos Maridos. Acresce ainda, que o modelo de regressões parece indicar que maior comunicação de *stress* pelas esposas prediz uma menor satisfação conjugal dos maridos.

Estes dados parecem sugerir que as esposas da nossa amostra



(comparativamente com participantes de outros estudos) atribuem menos importância à comunicação do *stress* e que esta parece mesmo predizer uma menor SC dos maridos. Estes dados poderão estar relacionados com questões culturais, nomeadamente, com alguma dificuldade que exista na cultura portuguesa em distinguir entre comunicação assertiva e agressividade, bem como crenças de que falar dos problemas e das preocupações é um sinal de que algo vai mal, logo terá que afectar necessariamente de forma negativa a relação, em vez de ser encarado como algo que é construtivo e importante para uma relação amorosa.

Apesar de Kardatzke (2009) afirmar que apenas o CD positivo das esposas está associado com a sua própria SC, este resultado é contraditório com os resultados obtidos na presente investigação já que, embora fraca, também se encontrou uma correlação positiva e significativa com a satisfação conjugal dos maridos. Gostaríamos de levantar uma hipótese explicativa destes resultados. Numa cultura mais colectivista como em Portugal, o comportamento de um dos cônjuges, neste caso o CD, pode afectar mais o comportamento do outro cônjuge, o que talvez não suceda tanto numa cultura mais individualista (ver Hofstede, 2009).

#### *Sobre as relações Intra-casal entre SC e Subescalas de CD*

Na presente investigação, encontrou-se uma relação positiva e significativa entre a SC dos maridos e a percepção de apoio que têm por parte das parceiras. Este resultado poderá ser explicado pelo fenómeno de “inundação afectiva” (Narciso, 2001), isto é, quanto mais satisfeitos os maridos estiverem, mais positivamente tendem a avaliar a parceira e a relação e, desta forma, pensamos que mais positivamente tenderão a perceber também as estratégias de CD positivo das esposas. Da mesma forma, quanto maior a SC dos maridos, maior a probabilidade de se envolverem em estratégias de CD em conjunto com as suas esposas e de se praticarem menos estratégias de CD negativo.

Já no caso das esposas, quanto maior a sua SC, mais baixos são os comportamentos negativos de apoio das próprias em relação aos maridos e, igualmente os comportamentos de apoio dos maridos são mais elevados.

Tal como acontece com os maridos, mas de forma menos acentuada, a uma maior SC corresponde também uma menor percepção por parte das esposas de comportamentos negativos de apoio por parte dos maridos, uma maior percepção de



estratégias de CD em conjunto e uma percepção mais elevada da comunicação de *stress* de forma construtiva por parte dos maridos.

Outro dado interessante diz respeito ao facto de o domínio de CD positivo dos maridos relaciona-se mais fortemente com a SC das esposas do que o domínio de CD positivo das esposas relativamente à SC dos maridos. Este resultado vai ao encontro dos resultados de outro estudo, onde se afirma que as esposas tendem a prestar mais atenção ao comportamento do parceiro e que o investimento destes na relação é fundamental para a satisfação das esposas (Bodenmann et al, 2006a).

Ainda realçamos o facto de os domínios de CD dos maridos estarem todos significativamente relacionados com a SC das esposas, ao contrário dos domínios de CD das esposas que não estão significativamente relacionados com a SC dos maridos. Esta diferença pode ser devida ao facto de os maridos não estarem tão conscientes dos comportamentos de apoio das suas parceiras e parecerem ser menos influenciados pelo CD das suas esposas quando avaliam a sua SC (Bodenmann et al, 2006a). Assim o apoio recebido pelos maridos é mais importante para a SC das esposas, o que pode estar relacionado com a ideia de que estas têm uma maior orientação relacional do que os maridos (Wunderer & Schneewind, 2008).

Kardatzke (2009) afirma que o *coping* diádico dos homens, em particular as formas negativas estão significativamente mais associadas com a qualidade conjugal de ambos os parceiros do que o das mulheres, o que não se confirma neste estudo.

#### *Sobre a relação entre CD Global e Subescalas*

Os resultados obtidos indicam que quanto maior o CD Global, mais os parceiros percebem formas positivas de apoio e menos percebem formas negativas. Como seria de esperar, e pela própria definição de CD, o CD em conjunto apresenta também uma correlação forte com o CD Global. O CD depende da comunicação do *stress* por um dos parceiros e por isso, as relações encontradas entre o CD Global e a comunicação de *stress* sugerem a importância da comunicação já referida anteriormente (Karney & Bradbury, 1995).

#### *Sobre a relação entre Subescalas de CD*

Os resultados obtidos pela correlação entre subescalas de CD não surpreendem pelas elevadas correlações entre o domínio de comunicação de *stress* e o domínio de CD positivo. Estes dados parecem indicar uma relação importante entre estratégias de

comunicação de *stress*, pelo próprio e pelo parceiro, e as estratégias positivas de apoio e suporte também pelo próprio e pelo outro. Assim sendo, quanto mais os cônjuges comunicarem o seu *stress* entre si, mais comportamentos de apoio existirão entre eles e, conseqüentemente, maior será a capacidade de lidarem em conjunto com o *stress*. Esta última constatação é igualmente apoiada pela relação significativa e moderada que se verificou entre o domínio de CD positivo e o CD em conjunto. Este resultado, faz-nos recordar o estudo de Brock e Lawrence (2008) que refere que sem uma comunicação adequada entre os cônjuges, as esposas não podem agir de uma maneira que seja consistente com as estratégias de *coping* dos seus maridos, e conseqüentemente, os maridos possam ficar insatisfeitos com os seus casamentos.

Ainda é de realçar a relação entre CD negativo do próprio e CD negativo do outro que parece ir ao encontro da ideia de que os casais sob *stress* têm mais probabilidade de se envolver em cadeias de interacção negativa e tendem a culpar mais o outro sobre os problemas da relação (Neff & Karney, 2004; Gottman, 1998). Assim, comportamentos de falta de apoio de um dos parceiros potenciam comportamentos negativos do outro parceiro. Este resultado é igualmente apoiado pela relação negativa que se verificou entre o domínio de CD negativo e a SC. Deste modo, podemos afirmar que quando existe o sentimento de falta de apoio na relação, os casais são menos satisfeitos.

#### *Sobre as relações entre Subescalas entre Maridos e Esposas*

Na revisão de literatura efectuada não foram encontrados estudos que analisassem as relações entre subescalas de CD. Desta forma, os resultados encontrados representam uma nova análise. Assim, encontrou-se uma relação positiva significativa entre a comunicação de *stress* pelo outro das esposas e a comunicação de *stress* pelo próprio dos maridos que parece indicar que, na nossa amostra, esposas e maridos convergem quanto à percepção de comunicação de *stress*. Foi encontrada uma relação positiva e significativa entre os comportamentos negativos de apoio das esposas e os comportamentos negativos de apoio dos maridos, relação esta, já encontrada e justificada anteriormente mas ao nível global. Da mesma forma, quantos mais comportamentos negativos de apoio por parte das esposas, menor a percepção de apoio positivo que os homens têm.

O CD positivo próprio das esposas relaciona-se significativamente com o CD positivo do outro dos maridos, resultado este que parece reforçar a ideia de que a

positividade das esposas contribui para a percepção de apoio dos maridos por parte destas. Ainda o CD positivo próprio das esposas também se relaciona com as estratégias de *coping* em conjunto percebidas pelos maridos, o que reforça novamente a importância do apoio positivo das esposas nas percepções dos maridos.

Interessante é verificar que as estratégias de *coping* em conjunto percebidas pelos maridos, não se relacionam com a percepção de comunicação de *stress* (pelo próprio ou do parceiro) por parte das esposas, nem com as percepções que as esposas têm de comportamentos positivos dos maridos.

A forma como ambos os cônjuges percebem as estratégias negativas de apoio do outro não estão relacionadas, assim como parece não existir relação entre a percepção de apoio negativo do outro por parte dos maridos e a percepção das esposas do apoio positivo que dão.

#### *Sobre as relações entre Medidas Agregadas*

A relação moderada e significativa encontrada entre o CD positivo vs. CD negativo entre maridos e esposas, pelo que vimos anteriormente, seria de esperar. Um resultado interessante encontrado foi a relação fraca, ainda que significativa entre o CD avaliado pelas esposas e pelos maridos. Este resultado parece indicar que apesar de, para ambos os elementos de casal, existir uma maior percepção de comportamentos positivos, a consonância da sua satisfação em como em conjunto lidam com o *stress*, não é assim tão elevada. Este resultado parece ir no sentido da literatura que refere que de um modo geral, quanto maior consonância maior satisfação (e.g., Barbarin et al., 1985, cit. por Bodenmann et al, 2006a) mas que a consonância entre o casal não costuma ser superior a 50% (Ribeiro, 2002).

#### ***Existe convergência face a SC, o CD Global e os seus componentes entre os cônjuges?***

Relativamente à subescala Comunicação de *Stress* pelo Próprio, verificámos que as esposas têm percepções mais elevadas, o que indica que as esposas consideram que comunicam mais o seu *stress* do que os maridos. Este resultado vai ao encontro da literatura que aponta diferenças de género no sentido das mulheres recorrem mais à comunicação e esta ser fundamental para a satisfação conjugal das esposas (Narciso, 2001).

Outra diferença encontrada, diz respeito ao facto dos maridos percepcionarem que comunicam o seu *stress* com mais frequência, do que a forma como as suas esposas o percepcionam. Contudo, também as esposas consideram que comunicam o seu *stress* com mais frequência, do que a forma como os seus maridos o percepcionam. A definição de CD considera que a comunicação de *stress* por um dos parceiros é feita através de respostas verbais, não-verbais ou paraverbais do outro a estes sinais (Bodenmann, 2005; Bodenmann & Cina, 2005, cit. por Papp & Witt, 2010; Bodenmann, 1997, 2000, cit. por Wunderer & Schneewind, 2008), mas que é importante tentar compreender em futuros estudos como é os comportamentos entre os parceiros podem ser sentidos como ineficazes ou, por outro lado, comportamentos desajustados podem ser reconfortantes e ajudar a diminuir a frustração (Bodenmann et al., 2010)

Estes resultados poderão também querer dizer que para além das mulheres serem mais comunicativas, poderão existir diferenças quanto àquilo que ambos os géneros interpretam como comunicação. Desta forma podem representar pistas importantes para à intervenção preventiva e clínica

Outra diferença encontrada foi que as esposas, provavelmente por estarem satisfeitas, percepcionam maiores comportamentos de apoio por parte dos maridos, do que eles do seu próprio apoio. Tal já não acontece para os maridos que percepcionam menos estratégias de apoio por parte das esposas do que estas do seu próprio apoio. Consonantes com estas diferenças já mencionadas encontraram-se diferenças significativas face à medida agregada Percepção do Próprio vs. do Outro, sendo que as esposas consideram que têm mais comportamentos de CD do que os seus maridos.

***Existem diferenças significativas quanto à SC quando consideramos as variáveis: sexo, escolaridade, estatuto ocupacional, zona do país de residência, área de residência e situação relacional?***

Embora os maridos tenham revelado níveis de satisfação conjugal ligeiramente mais elevados do que as mulheres, ao responderem à RAS, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre cônjuges. Na literatura, os estudos não são consensuais. Alguns autores encontram diferenças significativas como em Doohan et al. (2005, cit. por Lind) e outros não (Plitzko, 1995, cit. por Lind).

Relativamente à zona geográfica de residência, os resultados obtidos indicam que a satisfação conjugal é maior nos sujeitos que vivem na zona centro do país. De

facto, como descrito na revisão de literatura, existe um conjunto de variáveis que influencia a satisfação conjugal. Autores como Sokolski & Hendrick (1999) defendem que existem 3 categorias possíveis de influenciar a relação: intrapessoais (e.g., amor, compromisso, satisfação sexual), interpessoais (e.g., comunicação, apoio e partilha conjugal, papéis de género, igualdade) e ambientais (e.g., emprego, economia, doença, apoio social). Assim, a qualidade e consequente satisfação com a relação é um jogo de ajustamento e equilíbrio entre estas variáveis. Quando estas variáveis não estão presentes há como que desequilíbrio o que faz aumentar os níveis de *stress* e consequentemente os casais envolvem-se mais em interacções negativas e recíprocas o que, como já foi mencionado, diminui a satisfação com o casamento.

Ora pensamos que na zona centro, os factores de *stress* relativamente a estas variáveis estão diminuídos e por isso é que, nesta amostra, os casais são mais satisfeitos nesta zona do país. Ou seja, o que poderá variar são os *stressores* externos à relação e de acordo com Bodenmann, Ledermann, e Bradbury (2007) níveis mais altos de *stress* diário externo permite prever maiores níveis de *stress* dentro da díade.

No nosso estudo, os resultados quanto à situação relacional confirmam estudos anteriores que não encontraram diferenças significativas face à SC entre indivíduos casados e união de facto (Relvas & Alarcão, 2007). Esta ausência de diferenças parece estender-se também às estratégias de CD.

***Existem diferenças significativas quanto ao CD Global e os seus componentes quando consideramos as variáveis: sexo, escolaridade, estatuto ocupacional, zona do país de residência, área de residência e situação relacional?***

Relativamente às diferenças de género, os autores parecem não ser consensuais. Se por um lado alguns defendem que estudos anteriores revelam poucas diferenças de género nas variáveis em estudo (Lederman et. al, 2010) outros apontam essas diferenças como sendo significativas (Kardatzke, 2009).

No presente estudo, ao nível global, apenas se encontraram diferenças significativas entre homem e mulheres face à medida agregada percepção do próprio versus do outro. Assim, as mulheres percebem mais comportamentos de *coping* diádico do que os homens. Estes dados poderão estar relacionados com os resultados encontrados por Bodenmann, Ledermann e Bradbury (2007) que sugerem que as esposas são particularmente peritas em identificar momentos em que o apoio é necessário. Por outro lado, no estudo de Patrick et al (2007, cit. por Vedes, Narciso &

Ferreira, 2010) constataram que a satisfação conjugal dos maridos pode ser prevista pela quantidade percebida de apoio fornecido pelas esposas. Assim consideramos que este resultado representa um factor protector nesta amostra de casais.

Quanto às diferenças relativas às variáveis sociodemográficas, face à escolaridade, o nível mais elevado de escolaridade aparece sempre com os valores mais elevados de CD. Assim, quanto mais elevado é o grau académico, mais *stressores* poderão ser colocados às pessoas mas também parece haver mais oportunidades de desenvolvimento de estratégias construtivas de CD. Assim, os resultados indicam que ter um mestrado/doutoramento tem influência nas estratégias de *coping*. Estes indivíduos, além de perceberem valores elevados de CD, consideram também que as suas relações são caracterizadas maioritariamente por estratégias positivas de CD (do próprio e do outro), que a comunicação de *stress* é elevada e que os parceiros se envolvem mais conjuntamente para fazer face ao *stress*.

Outra diferença encontrada indica-nos que os indivíduos com o 9º ano ou equivalente percebem de forma mais negativa as suas próprias estratégias de *coping*.

Quanto a este facto, questionamos: este resultado poderá ter a ver com as condições que a sociedade proporciona às pessoas com estas habilitações? Com o 9º ano as oportunidades laborais são menores, assim como os rendimentos. Estas pessoas, devido aos *stressores* contínuos que enfrentam, poderão estar assim absorvidas na sua condição e acabarem por estar menos disponíveis para o parceiro. Pensamos também que a percepção que parecem ter da falta de disponibilidade e empatia por parte dos parceiros possa funcionar como um factor acrescido de *stress*, o que reforça a importância de intervir com esta população.

Ainda, a literatura tem vindo a demonstrar que a satisfação conjugal está mais associada às dificuldades diárias que aos eventos críticos (Bodenmann, Ledermann & Bradbury, 2007) e por isso, embora não tenham sido encontradas diferenças, estes indivíduos parecem estar mais susceptíveis a baixos níveis de satisfação com a relação.

Face ao estatuto ocupacional, os resultados indicam que ser estudante tem influência nas estratégias de *coping*. O nível de exigência e as situações *stressantes* que os estudantes vivem repetidamente, poderão permitir que desenvolvam mais estratégias adaptativas de CD. Bodenmann (2005) sugeriu que *coping* diádico tem dois objectivos principais: 1) a redução do *stress* e 2) o reforço da qualidade do relacionamento. Assim, apesar de os nossos resultados não terem indicado que os estudantes eram mais

satisfeitos, o CD parece estar a cumprir o objectivo de redução do nível de *stress* a que estão diariamente expostos.

Porque na nossa amostra, os “estudantes” sejam maioritariamente representados por alunos do ensino superior temos que ser cuidadosos com possíveis interpretações enviesadas.

Relativamente à área de residência, indivíduos que residem em áreas urbanas, talvez por viverem em locais onde o ritmo de vida é mais acelerado e por isso os desafios impostos pelos *stressores* são em maior escala e mais regulares, parecem desenvolver estratégias de CD mais adaptativas. Assim além de revelarem maior percepção de CD Global ainda têm uma percepção mais elevada de CD positivo, tanto do próprio como do parceiro, e utilizam como “arma de sobrevivência” a comunicação de *stress* tanto do próprio, como do outro. Ainda envolvem-se mais em estratégias comuns de CD.

#### ***Quais os componentes do CD que mais contribuem para a SC Global, SC das Esposas e dos Maridos?***

Tal como nos estudos de Bodenmann (2005), as variáveis do CD predizem uma percentagem bastante elevada da variância da SC Global, das esposas e dos maridos. Neste estudo tentámos perceber dentro do domínio do CD quais os factores que mais satisfação prediziam.

Parece haver evidências de que, para a *Satisfação Conjugal das Esposas* contribuem variáveis de ambos os cônjuges, enquanto, no caso dos maridos, apenas variáveis relativas a si são significativas. Estes resultados vão ao encontro dos obtidos por Patrick et. al (2007, cit. por Vedes, Narciso & Ferreira, 2010) que concluíram que quer para os homens, quer para as mulheres, as variáveis do marido assumem maior relevância e que a experiência conjugal dos homens parece contribuir fortemente para a satisfação conjugal de ambos. No mesmo sentido, também Gottman et. al, (2003, cit. por Bodenmann, 2005) indicam que o *coping* diádico dos homens é mais importante para a qualidade conjugal do que o *coping* diádico das mulheres.



## Conclusão

No presente estudo, esperamos ter ilustrado, em consequência das questões de investigação, que:

- o *coping* diádico está associado a maior satisfação/qualidade conjugal, a relação mais elevada corresponde à *SC dos Maridos* e o *CD Global do Maridos* e esta relação é quase duas vezes mais forte do que a mesma relação para as esposas;
- o *coping* diádico dos homens é um preditor mais forte da satisfação conjugal do que o *coping* diádico das mulheres;
- a comunicação de *stress* pelas esposas não se correlaciona significativamente com a sua satisfação conjugal, e maior comunicação de *stress* pelas esposas prediz uma menor satisfação conjugal dos maridos;
- o domínio de CD positivo dos maridos relaciona-se mais fortemente com a SC das esposas do que o domínio de CD positivo das esposas relativamente à SC dos maridos e formas negativas de CD não se associam significativamente à SC de nenhum dos sexos;
- existe uma relação importante entre estratégias de comunicação de *stress*, pelo próprio e pelo parceiro, e as estratégias positivas de apoio e suporte também pelo próprio e pelo outro;
- esposas e maridos convergem quanto à percepção de comunicação de *stress* e quanto aos comportamentos negativos de apoio;
- tanto os maridos como as esposas percebem que comunicam o seu próprio *stress* de forma mais elevada do que os seus cônjuges o fazem;
- a satisfação conjugal é mais elevada em indivíduos que vivem na zona centro do país;
- as mulheres percebem mais comportamentos de *coping* diádico do que os homens;
- ser estudante e ter mestrado/doutoramento está associado positivamente às estratégias de *coping*, sendo que estas variáveis parecem funcionar como factor protector face ao *stress*;
- viver em áreas urbanas parece permitir o desenvolvimento de estratégias de CD mais adaptativas;
- quanto maior o *CD Positivo Próprio do Outro* e o *CD em Conjunto*, e quanto menor for a *Comunicação de Stress pelo Próprio* ou a *Comunicação de Stress pelo Outro*, maior a *Satisfação Conjugal Global*;



- a maiores valores de *Satisfação Conjugal das Esposas* correspondem maiores valores de *CD em Conjunto das Esposas* e *CD Positivo do Outro dos Maridos*;

- a menores valores de *Comunicação de Stress pelo Outro dos Maridos* e a maiores valores de *CD Positivo do Outro dos Maridos* e de *CD em Conjunto dos Maridos* correspondem maiores níveis de *Satisfação Conjugal dos Maridos*.

Embora existam alguns estudos que tentam compreender a relação entre as mesmas variáveis, pensamos que a presente investigação veio colmatar uma limitação apontada por alguns autores no que respeita à recolha de dados, isto é, devido à natureza diádica das variáveis em estudo, torna-me importante ter em consideração os dados de ambos os parceiros, de forma a obter uma visão mais ampla das relações entre as variáveis (Bodenmann, Ledermann, & Bradbury, 2007).

Da mesma forma, também as diferenças entre sexos, principalmente ao nível da variável de CD e seus componentes, parecem estar pouco exploradas e por isso este estudo pode constituir um pequeno passo para compreender melhor o papel dos maridos e das esposas, no que respeita tanto à relação, como no seu comportamento de apoio ao parceiro e na gestão do impacto negativo de *stressores*, na relação diádica.

Relativamente às limitações importa, em primeiro lugar, ressaltar que a amostra relativamente pequena implica uma análise cuidada dos resultados. É também de notar que os instrumentos são todos medidas de auto-relato o que pode enviesar os resultados por os participantes tenderem a responder de forma socialmente desejável e não fornecerem informações precisas. Nesta mesma linha, os resultados podem ser comprometidos devido à relativa heterogeneidade de algumas categorias das variáveis sociodemográficas. Outra limitação que é largamente apontada na literatura prende-se com os indivíduos que optaram por responder aos inventários e aqueles que não fizeram, pois aqueles que se sentem particularmente satisfeitos com o seu casamento/relação podem ser mais atraídos a responder.

Sendo que esta área de estudo em geral e o conceito de CD em particular estão ainda numa fase exploratória, pesquisas futuras poderiam ampliar a compreensão do processo de *coping* na díade através da inclusão de outras variáveis como: tipo de relação, tempo de relação, etapa do ciclo vital da família (especialmente porque a literatura tem mostrado que nas diferentes fases do ciclo de vida, os factores que contribuem para a satisfação conjugal são diferentes), tipo de *stress*, filhos, entre outras. Ainda poderá ser muito útil inclui outras fontes de dados, nomeadamente a observação de casais que parece ser cada vez mais o método eleito nos estudos sobre conjugalidade

(Bradbury et al., 2000). Por fim a literatura mais recente tem tentado procurar compreender a relação entre CD e *coping* individual e, por isso, em futuras investigações poderiam também ser incluídas medidas de *coping* individual.

Como a presente investigação demonstrou, indivíduos com competências diádicas de *coping* tendem a interagir de forma mais adequada, o que contribuiu para o aumento da satisfação conjugal. Assim, parece ser fundamental reforçar este recurso de forma permitir a evolução positiva da relação ao longo do tempo. Portanto, e como sugerem os autores, além do foco na comunicação e resolução de conflitos que definem os programas de prevenção de problemas conjugais mais tradicionais, tentar reforçar as capacidades de *coping* diádico em programas de enriquecimento conjugal, terapia de casal e programas de prevenção parece ser fundamental (Wunderer & Schneewind, 2008; Vedes, Lind & Lourenço, 2011).

Por fim gostaríamos de reforçar uma ideia já defendida anteriormente, no que toca à importância das relações amorosas. Sendo a relação diádica um núcleo fundamental de bem-estar pessoal e de satisfação com a vida em geral, e estando os problemas conjugais associados a menores níveis de saúde física e psicológica, nunca é de mais investir em estudos que permitam compreender quais os factores que influenciam as relações amorosas.

Neste estudo esperamos ter contribuído para alargar os horizontes face à compreensão desta temática, através da procura de novas respostas para um desafio há muito conhecido – a Satisfação Conjugal.

## Bibliografia

- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Antoniazzi, A., Dell’Aglia, D., & Bandeira, D. (1998). O conceito de *coping*: Uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3, 273-294.
- Bodenmann, G. (2005). Dyadic coping and its significance for marital functioning. In T. A. Reverson, K. Kayser, & G. Bodenmann (Eds), *Couples coping with stress: Emerging perspectives on dyadic coping* (33-50). Washington DC: American Psychological Association.
- Bodenmann, G. (2007). *Dyadic coping inventory (DCI)*. Testmanual. Bern, Göttingen: Huber & Hogrefe Tests.
- Bodenmann, G., Pihet, S., & Kayser, K. (2006a). The relationship between dyadic coping and marital quality: A 2- Year longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, 20, 485-493.
- Bodenmann, G., Pihet, S., Shantinath, S., Cina, A., & Widmer, K. (2006b). Improving dyadic coping in couples with a stress- oriented approach: A 2-year longitudinal study. *Behavior Modification*, 30, 571-597.
- Bodenmann G., Ledermann, T., & Bradbury, T. (2007). Stress, sex, and satisfaction in marriage. *Personal Relationships*, 14, 551–569.
- Bodenmann, G., Meuwly, N., Bradbury, T., Gmelch, S., & Ledermann, T. (2010). Stress, anger and verbal aggression in intimate relationships: Moderating effects of individual and dyadic coping. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27, 408-424.
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 964-980.
- Brock, R., & Lawrence, E. (2008). A Longitudinal Investigation of Stress Spillover in Marriage: Does Spousal Support Adequacy Buffer the Effects?. *Journal of Family Psychology*. 22, 11-20.
- Cutrona, C. E. (1996). *Social support in couples: Marriage as a resource in times of stress*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Dehle, C., Larsen, D., & Landers, J. E. (2001). Social support in marriage. *American Journal of Family Therapy*, 29, 307–324.

- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3 ed.). Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Folkman, S., & Moskowitz, J. T. (2004). *Coping*: Pitfalls and promise. *Annual Review of Psychology*, 55, 745–774.
- Gottman, J. (1998). Psychology and The Study of Marital Processes. *Annual Review Psychology*, 49, 169- 197.
- Gottman, J. M., & Gottman, J. S. (2006). The Brief Sound Relationships Questionnaires. In J. M. Gottman & J. S. Gottman (Eds.) *The art & science of love: A workshop for couples* (pp. 291-300). Seattle: The Gottman Institute.
- Gottman, J. M. & Levenson, R. W. (2000). The timing of divorce: Predicting when a couple will divorce over a 14-year period. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 737–745.
- Gottman, J. M. & Silver, N. (2001). *Os sete princípios do casamento*. Editora Pergaminho. Cascais – Portugal.
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 93-98.
- Hendrick, S. S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The Relationship Assessment Scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 137-142.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2002). Investigação por questionário. Lisboa: Edições Sílabo.
- Instituto Nacional de Estatística. (2010). Anuário Estatístico de Portugal 2009. Consultado a 25 de Fevereiro de 2011 em [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=83385202&DESTAQUESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=83385202&DESTAQUESmodo=2)
- Hofstede, G. (2009). Geert Hofstede™ Cultural Dimensions, consultado a 14 de Maio de 2011 em [http://www.geert-hofstede.com/geert\\_hofstede\\_resources.shtml](http://www.geert-hofstede.com/geert_hofstede_resources.shtml)
- Kardatzke, K. N. (2009). Perceived *stress*, adult attachment, dyadic *coping* and marital satisfaction of counseling graduate students. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Carolina Do Norte.
- Karney, B. R. & Bradbury, T. N. (1995). The longitudinal course of marital quality and stability: A review of theory, method, and research. *Psychological Bulletin*, 118, 3–34.
- Karney, B. R., Story, L. B., & Bradbury, T. N. (2005). Marriages in context: Interactions between chronic and acute *stress* among newlyweds. In T. A. Reverson, K. Kayser & G. Bodenmann (Eds). *Couples Coping with Stress*:

- Emerging Perspectives on Dyadic Coping* (13-32). Washington. DC: American Psychological Association.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer Publishing Company.
- Lederman, T., Bodenmann, G., Gagliardi, S., Charvoz, L., Verardi, S., Rossier, R., Bertoni, B., & Lafrate, R. (2010). Psychometrics of the Dyadic Coping Inventory in three language groups. *Swiss Journal of Psychology*, 69, 201-212.
- Lind, W. R. (2008). *Casais biculturais e monoculturais: Diferenças e recursos*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Lopes, A. F., (2007). *Generalidades e singularidades de doença em família: Percepção da qualidade de vida, stress e coping*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Coimbra. Retirado de [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt) em 10 de Novembro de 2010.
- Lutar, S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71, 543-562.
- McCabe, M. (2006). Satisfaction in marriage and committed heterosexual relationships: Past, present and future. *Annual Review of Sex Research*, 17, 39- 58.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: À procura do padrão que liga*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Neff, L. A., & Karney, B. R. (2004). How does context affect intimate relationships? Linking external stress and cognitive processes within marriage. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 134-148.
- Papp, L., & Witt, N. (2010). Romantic partners' individual coping strategies and dyadic coping: Implications for relationship functioning. *Journal of Family Psychology*, 24, 551-559.
- Relvas, A. P. & Alarcão, M. (2007). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Ribeiro, M. T. (2002). *Da diversidade do masculino e do feminino à singularidade do casal*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Robles, T. F., & Kiecolt-Glaser, J. K. (2003). The physiology of marriage: Pathways to health. *Physiology and Behavior*, 79, 409-416.

- Santos, M. J., Feijão, M. T., & Mesquita, R. (2000). *Relações entre estilos de vinculação, estilos de resolução de conflito e satisfação nas relações amorosas em mulheres com um relacionamento heterossexual*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Seaward, B. L. (2006) *Managing Stress: Principles and strategies for health and well-being* (5th ed.). Sudbury, MA: Jones & Barlett.
- Sokolski, D. M., & Hendrick, S. (1999). Fostering marital satisfaction. *Family Therapy*, 26, 39-49.
- Story, L. B., & Bradbury, T. N. (2004). Understanding marriage and stress: Essential questions and challenges. *Clinical Psychology Review*, 23, 1139-1162.
- Tesser, A., & Beach, S. R. H. (1998). Life events, relationship quality, and depression: An investigation of judgment discontinuity in vivo. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 36-52.
- Vedes, A., Lind., & Lourenço, M., (2011). Fundamentos e pistas para o desenho de um programa de prevenção para a promoção da satisfação e da resiliência conjugal. Submetido na *Revista Psicologia*.
- Vedes, A. M., Lind, W. R., & Ferreira, A. S. (2011a). Portuguese adaptation and validation of the Dyadic Coping Inventory. (manuscrito em preparação)
- Vedes, A. M., Lind, W. R., & Ferreira, A. S. (2011b). Portuguese adaptation and validation of the Brief Sound Relationship House Questionnaires. (manuscrito em preparação)
- Vedes, A. M., Narciso, I. & Ferreira, A. S. (2010). Um estudo exploratório em casais portugueses sobre as relações entre percepções de satisfação conjugal, proximidade, vinculação e satisfação com a intimidade e com a comunicação e conflitos. *Psychologica* (No prelo).
- Walsh, F. (2002). A family resilience framework: Innovative practice applications. *Family Relations*, 51, 130-144.
- Walsh, F. (2007). Traumatic loss and major disasters: Strengthening family and community resilience. *Family Process*, 44, 207-227.
- Werner, E. E. (1993). Risk, resilience, and recovery: Perspectives from the Kauai longitudinal study. *Development and Psychopathology*, 5, 503-515.
- Wunderer, E., & Schneewind, K. (2008). The relationship between marital standards, Dyadic Coping and marital satisfaction. *European Journal of Social Psychology*, 38, 462-476.

## ANEXO I

- Protocolo de Apresentação e Instrumentos Utilizados -



## Consentimento Informado

Doutoranda: Mestre Ana Maria Vedes  
Orientação Científica: Professor Doutor Wolfgang Lind

Por favor, leia este texto antes de aceitar participar neste estudo.

Esta investigação pretende desenhar estratégias de educação e enriquecimento conjugal, eficazes e flexíveis, a diferentes tipos de casais.

No âmbito do doutoramento da Psicóloga Clínica Ana Maria Vedes, integrado no Programa de Doutoramento Inter-Universitário em Psicologia Clínica – Psicologia da Família e Intervenção Familiar, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, solicita-se a sua colaboração neste projecto.

Para poder participar tem de:

- estar casado ou viver em união de facto (i.e., viver junto há pelo menos dois anos);
- residir em Portugal;
- e ter mais de 18 anos.

Caso aceite participar, a sua colaboração consiste no preenchimento de cinco questionários que incidem sobre diversas áreas da sua vida amorosa. Todos os dados são confidenciais e serão tratados com toda a privacidade. As análises serão feitas em termos globais e os dados serão divulgados em artigos e congressos científicos. No final, toda a informação será compilada sob a forma de tese de doutoramento.

O tempo estimado de participação é cerca de 50 minutos. Uma vez iniciado o processo deve responder até ao fim para que os seus dados sejam válidos, mas tem o direito de desistir da sua participação em qualquer momento, se assim o entender.

Durante todo o processo de preenchimento dos questionários o seu companheiro(a), não deve ver as suas respostas ou tentar ajudar a responder.

Por favor, participe apenas uma vez.

Os participantes terão ao seu dispor, se necessário, o Serviço de Atendimento à Comunidade da Faculdade de Psicologia, da Universidade de Lisboa.

Caso os dois elementos do casal participem e ambos o desejem, ser-lhes-á enviado um relatório com os pontos fortes e as áreas a melhorar da relação. Apenas tem que deixar os seus contactos na última página.

Por favor, caso tenha alguma dúvida ou questão contacte-nos através do e-mail: [anavedes@gmail.com](mailto:anavedes@gmail.com)

Obrigada.



## Questionário de Dados Sociodemográficos e de Indicadores de Risco Estático para o Sucesso Conjugal (Cunha, Lind e Vedes, 2010; revisto por Vedes e Lind, 2010)

É muito importante que leia atentamente e responda honestamente a todas as questões. Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados. Todas as questões que requerem um preenchimento obrigatório estão assinaladas com um asterisco (\*).

### Parte I – Dados Sócio-Demográficos

Data de preenchimento (dia/mês/ano). \*

Idade \*

Sexo \*

☐ Masculino ☐ Feminino

Escolaridade \*

- ☒ Menos que o 9º ano
- ☐ 9º ano ou equivalente
- ☐ 12º ano ou equivalente
- ☐ Ensino Superior
- ☐ Mestrado/Doutoramento

Estatuto Ocupacional \*

☐ Activo(a) ☐ Estudante ☐ Doméstico(a) ☐ Reformado(a) ☐ Desempregado(a)

**Grupo Profissional (caso dependa financeiramente de outrem indico o grupo a que pertence essa pessoa) \***

- ☐ Grupo 1 – Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas (p.e., directores e gerentes de pequenas empresas, embaixadores, director geral de administração pública, etc.)
- ☐ Grupo 2 – Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas (p.e., arquitectos, engenheiros, meteorologistas, biólogos, médicos, etc.)
- ☐ Grupo 3 – Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio (p.e., oficiais da marinha, inspectores de obras, operadores de informática, técnicos de electricidade, etc.)
- ☐ Grupo 4 – Pessoal Administrativo e Similares (p.e., empregados de escritório, caixas, bilheteiros, recepcionistas, etc.)
- ☐ Grupo 5 – Pessoal dos Serviços e Vendedores (p.e., manequins, vendedores, vigilantes, guias-intérpretes, comissários de bordo, cozinheiros, governantas, etc.)
- ☐ Grupo 6 – Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca (p.e., agricultores, tiradores de cortiça, jardineiros, pastores, apicultores, etc.)
- ☐ Grupo 7 – Operários, Artífices e Trabalhadores Similares (p.e., mineiros, pintores, carpinteiros, trabalhadores da construção civil, etc.)
- ☐ Grupo 8 – Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem (p.e., operadores de máquinas, condutores de veículos e embarcações, etc.)
- ☐ Grupo 9 – Trabalhadores Não Qualificados (p.e., engraxadores, pessoal de limpeza, porteiros, vendedores ambulantes, estafetas, guardas, etc.)

**Origem Étnica/Cultural \***

☐ Europeia ☐ Asiática ☐ Africana ☐ Americana ☐ Outra

**País onde nasci \***

**Há quantos anos estou em Portugal**

Zonas de Residência Habitual \*

- ☐ \*  
☐ Norte  
☐ Centro  
☐ Grande Lisboa  
☐ Algarve  
☐ Alentejo  
☐ Arquip. dos Açores  
☐ Arquip. da Madeira
- ☐ \*  
☐ Urbana  
☐ Suburbana  
☐ Rural

Rendimento (líquido) Mensal Individual \*

- ☐ Inferior a 500 euros  
☐ Entre 500 euros a 999 euros  
☐ Entre 1000 a 1499 euros  
☐ Entre 1500 a 1999 euros  
☐ Entre 2000 a 2499 euros  
☐ Superior a 2500 euros

Orientação Sexual \*

- ☐ Heterossexual  
☐ Homossexual  
☐ Bissexual  
☐ Outra
- 

Situação Relacional \*

- ☐ Casamento  
☐ União de Facto (i.e., viver junto há pelo menos 2 anos)

Tempo (em anos) de casamento

Tempo (em anos) de união de facto

História da sua Relação Actual

	0	1 ano	2 anos	3 ou mais anos
Tempo de namoro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tempo de coabitação (i.e., viver junto) antes do casamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Filhos (biológicos/adoptivos/enteados) \*

- ☐ Sem filhos
- ☐ Com filhos

Número de Filhos

	0	1	2	3 ou mais
Biológicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Adoptivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Enteados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Idades dos Filhos (separe por vírgulas)

Influência dos filhos

	Muito positivo	Positivo	Nem positivo, nem negativo	Negativo	Muito negativo
Para a qualidade da minha relação actual, o facto de ter filhos tem um impacto:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Agregado Familiar

Vivo com (p.e., esposo/a, companheiro/a, filhos, pais): \*

\*

	1	2	3	4 ou mais
Número de pessoas com quem vivo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Acompanhamento Psicológico e/ou Psiquiátrico

\*

<input type="radio"/> Nunca tive	<input type="radio"/> Tive no passado	<input type="radio"/> Tenho actualmente
	Muito Positivo	Positivo
		Nem positivo, nem negativo
		Negativo
		Muito negativo

Para a qualidade da minha relação actual, eu ter recebido acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico, tem um impacto:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
---	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

Religiosidade

Em que medida me considero religioso(a): \*

☐ Nada

☐ Pouco

☐ Moderadamente

☐ Muito

☐ Extremamente

A minha religião é

☐ Católica

☐ Outra

Sou

☐ Crente praticante

☐ Crente não praticante

\*

Para a qualidade da minha relação actual, o meu grau de religiosidade tem um impacto:	Muito positivo	Positivo	Nem positivo, nem negativo	Negativo	Muito negativo
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte II – Família de Origem e Vivências Pessoais

A forma como vivenciamos a nossa conjugalidade pode estar relacionada com diversos factores associados às nossas vivências pessoais, nomeadamente, na nossa família de origem. Por família de origem, entende-se as figuras que sentimos como materna e paterna. Deste modo, caso não tenha vivido com os seus pais biológicos pense nas pessoas que sente como figura materna e paterna para responder às questões que remetem para tal.

Qualidade da Relação/Casamento Parental

\*

Considero que a qualidade da relação/casamento dos meus pais era/é:	Muito má	Má	Mediana	Boa	Muito Boa
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Para a qualidade da minha relação actual, a qualidade da relação/casamento dos meus pais tem um impacto:	Muito positivo	Positivo	Nem positivo, nem negativo	Negativo	Muito negativo
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Divórcio/Separação Parental

\*

- ☐ Sim
- ☐ Não

A minha idade quando os meus pais se separaram/divorciaram era:

	Muito positivo	Positivo	Nem positivo, nem negativo	Negativo	Muito negativo
Para a qualidade da minha relação actual, o divórcio/separação dos meus pais tem um impacto:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

### Violência Verbal na Família de Origem \*

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Com que frequência vivi situações de violência verbal entre os meus pais?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	Nenhuma	Pouca	Moderada	Muita	Extrema

Caso tenha vivido situações de violência verbal entre os meus pais, como classifico a sua gravidade?

	Muito Positivo	Positivo	Nem positivo, nem negativo	Negativo	Muito negativo
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Caso tenha vivido situações de violência verbal entre os meus pais, como classifico o seu impacto na qualidade da minha relação actual?

	Muito Positivo	Positivo	Nem positivo, nem negativo	Negativo	Muito negativo
	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

### Violência Física na Família de Origem \*

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Com que frequência vivi situações de violência física entre os meus pais:	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Caso tenha vivido situações de violência física entre os meus pais, como classifico a sua gravidade?	Nenhuma <input type="checkbox"/>	Pouca <input type="checkbox"/>	Moderada <input type="checkbox"/>	Muita <input type="checkbox"/>	Extrema <input type="checkbox"/>
Caso tenha vivido situações de violência física entre os meus pais, como classifico o seu impacto na qualidade da minha relação actual?	Muito Positivo <input type="checkbox"/>	Positivo <input type="checkbox"/>	Nem positivo, nem negativo <input type="checkbox"/>	Negativo <input type="checkbox"/>	Muito negativo <input type="checkbox"/>

**Internamento Hospitalar por Doença Psicológica e/ ou Psiquiátrica**  
 \*

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Fui internado devido a uma doença/perturbação do foro mental?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Caso eu tenha sido internado por estes motivos, como classifico a sua gravidade?	Nenhuma <input type="checkbox"/>	Pouca <input type="checkbox"/>	Moderada <input type="checkbox"/>	Muita <input type="checkbox"/>	Extrema <input type="checkbox"/>
Caso eu tenha sido internado por estes motivos, como classifico o seu impacto na qualidade da minha relação actual?	Muito Positivo <input type="checkbox"/>	Positivo <input type="checkbox"/>	Nem positivo, nem negativo <input type="checkbox"/>	Negativo <input type="checkbox"/>	Muito negativo <input type="checkbox"/>



**História Relacional**  
\*

	0	1	2	3	4 ou mais
Sem contar com a minha relação actual, quantos namoros tive ao longo da vida?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sem contar com a minha relação actual, quantas coabitações amorosas tive ao longo da vida?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sem contar com a minha relação actual, quantos casamentos tive anteriormente?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sem contar com a minha relação actual, quantas uniões de facto tive anteriormente?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Muito Positivo	Positivo	Nem positivo, nem negativo	Negativo	Muito negativo
Para a qualidade da minha relação actual, os meus namoros anteriores têm um impacto:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para a qualidade da minha relação actual, as minhas coabitações anteriores têm um impacto:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para a qualidade da minha relação actual, os meus casamentos anteriores têm um impacto:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Para a qualidade da minha relação actual, as minhas uniões de facto anteriores têm um impacto:	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**Violência Verbal na minha Relação Actual**  
\*

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Com que frequência vivi situações de violência verbal na minha relação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Caso tenha vivido situações de violência verbal na minha relação, como classifico a sua gravidade?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Muito positivo	Positivo	Nem positivo, nem negativo	Negativo	Muito negativo
Caso tenha vivido situações de violência verbal na minha relação, como classifico o seu impacto na qualidade da minha relação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Violência Física na minha Relação Actual

\*

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Com que frequência vivi situações de violência física na minha relação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	Nenhuma	Pouca	Moderada	Muita	Extrema
Caso tenha vivido situações de violência física na minha relação, como classifico a sua gravidade?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
	Muito positivo	Positivo	Nem positivo, nem negativo	Negativo	Muito negativo
Caso tenha vivido situações de violência física na minha relação, como classifico o seu impacto na qualidade da minha relação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3. Escala de Avaliação Relacional

Versão original: "Relationship Assessment Scale" de Hendrick (1988) e Hendrick, Dricke e Hendrick (1998). Versão portuguesa por Santos et al. (2000); revista por Lind (2008).

Por favor, assinale para cada pergunta, a resposta que melhor se adequa à sua relação amorosa.

\*

	Muito pouco	Pouco	Medianamente	Muito	Muitíssimo
Até que ponto é que o seu companheiro(a) corresponde às suas necessidades?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

\*

	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Medianamente satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
De um modo geral, até que ponto está satisfeito(a) com a sua relação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

\*

	Muito má	Má	Mediana	Boa	Muito boa
Até que ponto é que a sua relação é boa, em comparação com a maioria das relações?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

\*

	Nunca	Raramente	Às vezes	Quase sempre	Sempre
Com que frequência deseja não se ter envolvido nesta relação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

\*

	Nada	Pouco	Medianamente	Muito	Completamente
Até que ponto é que a sua relação tem correspondido às suas expectativas iniciais?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

\*

	Muito pouco	Pouco	Medianamente	Muito	Muitíssimo
Com que intensidade ama o seu companheiro(a)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

\*

	Muito poucos	Poucos	Alguns	Muitos	Imensos
Quantos problemas existem na sua relação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Inventário do Coping Diádico

Versão original: "Dyadic Coping Inventory" de Guy Bodenmann (2007). Adaptação e tradução portuguesa por Vedes, Lind e Ferreira (2010).

Esta escala destina-se a avaliar a forma como você e o seu companheiro(a) lidam com o stress. Por favor, indique a primeira resposta que achar mais adequada e seja o mais honesto possível. Responda a cada item assinalando o caso apropriado, que corresponde à sua situação pessoal. Não existem respostas certas ou erradas.

**Esta secção é sobre como comunica ao seu companheiro(a) o seu stress.**

\*

	Muito raramente	Raramente	Às vezes	Com frequência	Com muita frequência
Deixo o meu companheiro(a) aperceber-se que eu aprecio o seu apoio prático, conselhos, ou ajuda.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando tenho demasiadas coisas para fazer, peço ao meu companheiro(a) que faça coisas por mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Demonstro ao meu companheiro(a), através do meu comportamento, quando não ando bem ou quando tenho problemas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Digo abertamente ao meu companheiro(a) como me sinto e que gostaria de receber o seu apoio.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**Esta secção é sobre o que o seu companheiro(a) faz quando você se está a sentir stressado(a).**

\*

	Muito raramente	Raramente	Às vezes	Com frequência	Com muita frequência
O meu companheiro(a) mostra-me empatia e compreensão.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu companheiro(a) expressa que está do meu lado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu companheiro(a) culpa-me por não lidar suficientemente bem com o stress.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu companheiro(a) ajuda-me a ver situações stressantes de outra forma.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu companheiro(a) ouve-me e dá-me oportunidade para eu comunicar o que realmente me incomoda.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu companheiro(a) não leva o meu stress a sério.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu companheiro(a) dá-me apoio, mas fá-lo sem vontade e sem motivação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu companheiro(a) faz coisas, que normalmente sou eu que faço, para me ajudar.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

O meu companheiro(a) ajuda-me a analisar a situação para que eu consiga enfrentar melhor o problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quando estou demasiado ocupado(a), o meu companheiro(a) ajuda-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quando estou stressado(a), o meu companheiro(a) tende a afastar-se.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Muito raramente	Raramente	Às vezes	Com frequência
				Com muita frequência

**Esta secção é sobre como o seu companheiro(a) comunica quando ele/ela se está a sentir stressado(a).**

\*

O meu companheiro(a) deixa que eu me aperceba que ele/ela aprecia o meu apoio prático, conselhos, ou ajuda.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O meu companheiro(a) pede-me que faça coisas por ele/ela, quando tem demasiadas coisas para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O meu companheiro(a) demonstra-me, através do seu comportamento, que ele/ela não anda bem ou quando tem problemas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O meu companheiro(a) diz-me abertamente como ele/ela se sente e que ele/ele gostaria de receber o meu apoio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Esta secção é sobre o que você faz quando o seu companheiro(a) demonstra que está stressado(a).**

\*

Sou empático(a) e compreensivo(a) para o meu companheiro(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Expresso ao meu companheiro(a) que estou do seu lado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Culpo o meu companheiro(a) por não lidar suficientemente bem com o stress.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Digo ao meu companheiro(a) que o seu stress não é assim tão mau e ajudo-o(a) a ver a situação de outra perspectiva.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Oíço o meu companheiro(a) e dou-lhe espaço e tempo para ele/ela comunicar o que realmente o(a) incomoda.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não levo a sério o stress do meu companheiro(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quando o meu companheiro(a) está stressado(a) eu tendo a afastar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dou-lhe apoio, mas faço-o sem vontade e sem motivação porque penso que ele/ela deveria enfrentar os seus problemas por conta própria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trato de coisas que normalmente seria o meu companheiro(a) a fazer, para o(a) ajudar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tento analisar a situação conjuntamente com o meu companheiro(a) de forma objectiva, e ajudo-o(a) a compreender e a mudar o problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quando o meu companheiro(a) sente que tem demasiado para fazer, eu ajudo-o(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Muito raramente	Raramente	Às vezes	Com frequência	Com muita frequência

**Esta secção é sobre o que você e o seu companheiro(a) fazem quando ambos se estão a sentir stressados.**

\*

Tentamos lidar juntos com o problema e procurar soluções apropriadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Envolvemo-nos numa discussão séria sobre o problema e pensamos sobre o que tem de ser feito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ajudamo-nos mutuamente a colocar o problema em perspectiva e a vê-lo de outra forma.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ajudamo-nos, um ao outro, a relaxar, fazendo coisas como massagens, tomar um banho juntos, ou ouvir música em conjunto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somos carinhosos um com o outro, fazemos amor e tentamos, assim, lidar com o stress.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Esta secção é sobre como avalia o vosso coping (i.e., capacidade de lidar com o stress) como casal.**

\*

Estou satisfeito com o apoio que recebo do meu companheiro(a) e com a forma como juntos lidamos com o stress.

Estou satisfeito com o apoio que recebo do meu companheiro(a) e considero que como casal, a forma como lidamos juntos com o stress é eficaz.





## APÊNDICE I

- Caracterização Sociodemográfica da Amostra -

<i>N</i>	144 (72 casais)
Sexo	Masculino 50% Feminino 50%
Idade	Média 43.19 Desvio Padrão 14.7 Mínimo 21 Máximo 82
Escolaridade	Menos que o 9º ano 16% 9º ano ou equivalente 6.9% 12º ano ou equivalente 25.7% Ensino superior 42.4% Mestrado/ Doutoramento 9%
Estatuto Ocupacional	Activo 75% Estudante 2.8% Doméstico 4.9% Reformado 10.4% Desempregado 6.9%
Grupo Profissional	Grupo 1 12,5% Grupo 2 29.9% Grupo 3 18.1% Grupo 4 9% Grupo 5 6.3% Grupo 6 0% Grupo 7 4.2% Grupo 8 2.1% Grupo 9 0.7%
Origem Étnica/Cultural	Europeia 95.1% Africana 3.5% Outra 1.4%
Nacionalidade	Alemanha 1.4% Angola 4.2% Brasil 0.7% Cabo Verde 1.4% França 4.2% Moçambique 1.4% Portugal 82.7% Reino Unido 0,7%
Área de Residência	Urbana 62.5% Suburbana 14.6%
Zona Geográfica de Residência	Norte 6.9% Centro 18.1% Grande Lisboa 63.9% Sul 11.1%
Rendimento Líquido Mensal Individual	Inferior a 500€ 13.9% Entre 500€ e 999€ 36.1% Entre 1000€ e 1499€ 23.6% Entre 1500€ e 1999€ 10.4% Entre 2000€ e 2499€ 6.9% Superior a 2500€ 9%
Orientação Sexual	Heterossexual 89.6% Bissexual 4.2%
Situação Relacional	Casamento 75.7%

<i>N</i>	144 (72 casais)
	União de Facto 24.3%
Tempo (em anos) de Casamento	Média 19.58 Desvio Padrão 15.87 Mínimo 2 Máximo 53
Tempo (em anos) de União de Facto	Média 5.67 Desvio Padrão 6.44 Mínimo 2 Máximo 25
Filhos	Sem filhos 28.5% Com filhos 71.5%
Número de Filhos Biológicos	Zero 0.7% Um 24.3% Dois 35.4% Três ou Mais 11.1% Média 2.8 Desvio Padrão 0.71
Forma Familiar	Casal 45.1% Casal com Filhos 47.2% Família Alargada 6.3% Comunidades 1.4%
Nº de Pessoas do Agregado Familiar	Média 9.87 Desvio Padrão 83.00
Acompanhamento Psicológico	Nunca Tive 77.7% Tive no Passado 14.6% Tenho Actualmente 7.6%
Religião	Católica 79.7% Outra 3.5%
Intensidade Religiosa	Nada 19.4% Pouco 22.2% Moderadamente 49.3% Muito 9%

## APÊNDICE II

- Output de Regressões -

Model Summary<sup>a</sup>

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				Durbin-Watson
					R Square Change	F Change	df1	df2	
1	,539 <sup>a</sup>	,291	,286	,55531	,291	58,169	1	142	,000
2	,599 <sup>b</sup>	,359	,349	,52990	,068	14,944	1	141	,000
3	,623 <sup>c</sup>	,388	,375	,51930	,030	6,818	1	140	,010
4	,642 <sup>d</sup>	<b>,412</b>	,395	,51092	,024	5,625	1	139	<b>,019</b> 1,665

- a. Predictors: (Constant), CDPositivoOutro  
b. Predictors: (Constant), CDPositivoOutro, CDoomum  
c. Predictors: (Constant), CDPositivoOutro, CDoomum, StressComunPróprio  
d. Predictors: (Constant), CDPositivoOutro, CDoomum, StressComunPróprio, StressComunOutro  
e. Dependent Variable: MédiaSatConj

Coefficients<sup>a</sup>

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	95,0% Confidence Interval for B		Correlations			
	B	Std. Error				Beta	Lower Bound	Upper Bound	Zero-order	Partial	Part
1 (Constant)	2,134	,273		7,814	,000		1,594	2,674			
CDPositivoOutro	,572	,075	,539	7,627	,000		,424	,720	,539	,539	,539
2 (Constant)	1,909	,267		7,151	,000		1,381	2,437			
CDPositivoOutro	,355	,091	,335	3,907	,000		,175	,535	,539	,313	,263
CDcomum	,293	,076	,331	3,866	,000		,143	,442	,538	,310	,261
3 (Constant)	2,094	,271		7,725	,000		1,558	2,629			
CDPositivoOutro	,475	,100	,448	4,740	,000		,277	,673	,539	,372	,313
CDcomum	,324	,075	,367	4,313	,000		,176	,473	,538	,342	,285
StressComunPróprio	-,194	,074	-,221	-2,611	,010		-,341	-,047	,228	-,215	-,173
4 (Constant)	2,038	,268		7,614	,000		1,509	2,567			
CDPositivoOutro	,646	,122	,608	5,290	,000		,404	,887	,539	,409	,344
CDcomum	,354	,075	,401	4,721	,000		,206	,503	,538	,372	,307
StressComunPróprio	-,210	,073	-,239	-2,862	,005		-,355	-,065	,228	-,236	-,186
StressComunOutro	-,175	,074	-,232	-2,372	,019		-,321	-,029	,332	-,197	-,154

a. Dependent Variable: MédiaSatConj

Model Summary<sup>d</sup>

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				Durbin-Watson
					R Square Change	F Change	df1	df2	
1	,544 <sup>a</sup>	,296	,286	,63419	,296	29,386	1	70	,000
2	,617 <sup>b</sup>	,381	,363	,59899	,085	9,469	1	69	,003
3	,680 <sup>c</sup>	,462	,439	,56217	,082	10,334	1	68	,002
									2,073

a. Predictors: (Constant), CDcomumE

b. Predictors: (Constant), CDcomumE, CDPositivoOutroM

c. Predictors: (Constant), CDcomumE, CDPositivoOutroM, CDPositivoPróprioE

d. Dependent Variable: MédiaSatConjE

Coefficients<sup>a</sup>

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	95,0% Confidence Interval for B			Correlations	
	B	Std. Error	Beta			Lower Bound	Upper Bound		Zero-order	Partial
1 (Constant)	2,367	,331		7,144	,000		3,028			
CDcomumE	,511	,094	,544	5,421	,000	,323	,699		,544	,544
2 (Constant)	1,171	,499		2,347	,022		2,167			
CDcomumE	,413	,095	,440	4,368	,000	,224	,602		,544	,465
CDPositivoOutroM	,419	,136	,310	3,077	,003	,147	,690		,458	,347
3 (Constant)	1,787	,506		3,532	,001	,778	2,797			
CDcomumE	,648	,115	,690	5,636	,000	,419	,878		,544	,564
CDPositivoOutroM	,615	,142	,455	4,347	,000	,333	,898		,458	,466
CDPositivoPróprioE	-,563	,175	-,436	-3,215	,002	-,913	-,214		,278	-,363

a. Dependent Variable: MédiaSatConjE

Model Summary<sup>d</sup>

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics					Durbin-Watson
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change	
1	,601 <sup>a</sup>	,362	,353	,43822	,362	39,658	1	70	,000	
2	,667 <sup>b</sup>	,445	,429	,41166	,083	10,324	1	69	,002	
3	,717 <sup>c</sup>	<b>,514</b>	,493	,38792	,069	9,704	1	68	,003	1,981

- a. Predictors: (Constant), CDPositivoOutroM  
b. Predictors: (Constant), CDPositivoOutroM, StressComunOutroM  
c. Predictors: (Constant), CDPositivoOutroM, StressComunOutroM, CDcomumM  
d. Dependent Variable: MédiaSatConjM

Coefficients<sup>a</sup>

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients		t	Sig.	95,0% Confidence Interval for B			Correlations		
	B	Std. Error	Beta				Lower Bound	Upper Bound		Zero-order	Partial	Part
1 (Constant)	2,097	,347			6,049	,000	1,406	2,789				
CDPositivoOutroM	,590	,094	,601		6,297	,000	,403	,777		,601	,601	,601
2 (Constant)	2,049	,326			6,284	,000	1,398	2,699				
CDPositivoOutroM	,934	,139	,952		6,739	,000	,658	1,211		,601	,630	,605
StressComunOutroM	-,341	,106	-,454		-3,213	,002	-,552	-,129		,282	-,361	-,288
3 (Constant)	<b>1,825</b>	<b>,315</b>			5,786	,000	1,196	2,455				
CDPositivoOutroM	<b>,777</b>	<b>,140</b>	<b>,792</b>		5,550	,000	,498	1,056		,601	,558	,469
StressComunOutroM	<b>-,359</b>	<b>,100</b>	<b>-,478</b>		-3,584	,001	-,558	-,159		,282	-,399	-,303
CDcomumM	<b>,252</b>	<b>,081</b>	<b>,319</b>		3,115	,003	,090	,413		,541	,353	,263

- a. Dependent Variable: MédiaSatConjM